Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



DEANNA DURBIN é a favorita indiscutida do público português, Vamos vê-la amar pela primeira vez em «Primeiro Amor de Gata Borralheira» que as Filmes Alcântara distribuem.

2.ª SÉRIE—N.º 6—PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS—LISBOA, 16 DE DEZEMBRO DE 1940—PREÇO: 1$50

as estreias do Animatógrafo

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VÊ-AS PARA LHES CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHES ASSIM UMA ESTREIA, ANTES DE QUALQUER CINEMA

A. S. I. F.
apresenta

«AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES»

Fotografado em Technicolor
Direcção de *Michael Curtiz* e *William Keighley*. Argumento original de *Norman Reilly Raine* e *Seton I. Miller*

Personagens:

Robin dos Bosques	ERROL FLYNN
Marian	OLIVIA DE HAVILLAND
Sir Guy of Gisbourne	BASIL RATHBONE
Ricardo Coração-de-Leão	IAN HUNTER
«Joãozinho» (Little John)	ALAN HALLE
João Sem-Terra	CLAUDE RAINS





Ricardo Coração-de-Leão julga ter chegado ao fim da sua gloriosa gesta, ao assinar a paz com Saladino — último e enredado acto da Terceira Cruzada. Ao atravessar a Áustria o Rei inglês cai nas mãos de Leopoldo, que exige por êle o resgate de 150.000 marcos.

João Sem-Terra (Claude Rains) vê, no cativeiro do irmão um excelente pretexto para se alçar ao trono. Entrega-se ao prazer das caçadas, torneios, pomposos banquetes — enquanto o povo geme sob o pêso dos impostos lançados sob o pretexto de resgatar o rei generoso.

O usurpador apoia-se nos normandos para oprimir os saxões, fiéis a Ricardo. De entre aqueles escolhe seu valido Sir Guy of Gisbourne (Basil Rathbone), que é estrondosamente derrotado num torneio pelo saxão Sir Robin of Locksley (Errol Flynn).







A revolta alastra na Inglaterra. O ódio do desfeiteado valido recai sôbre Robin que, provocado pelos barões normandos, jura vingar-se e junta-se a um bando de insurretos que se acoita na floresta de Sherwood sob a chefia do popular «Joãozinho» (Alan Hale).

Aqueles bravos, capitaneados agora por Robin, excedem-se em façanhas, assaltam o próprio valido quando êste escoltava o produto das rapinas. Os prisioneiros pagam o resgate; Marian (Olivia de Havilland) segue-os, pensando: «vai-se o vulto do meu corpo, mas eu não...»

Sir Guy of Gisbourne só vive para a desforra. Sabendo da paixão de Robin em atirar, organiza com espavento um concurso de tiro ao arco. Robin não falta, embora disfarçado, mas o «velha raposa» normando não se deixa enganar — e aprisiona-o.







Robin vai a caminho da fôrca. «Joãozinho», à frente do seu bando, não está longe. A doce Marian, fiel à causa de Ricardo e aconselhada pelo coração, usando de ardil salva o cavaleiro sem temor. João Sem-Terra lança-a a ferros, pela nefanda cumplicidade.

Defrontando mil perigos, eis o cavaleiro aos pés de sua dama. Leva-lhe a certeza de seu amor e a grande notícia de ter aprisionado, com o bando de «Joãozinho», um homem que, ao ver-se entre gente fiel, desvendou o incógnito: — "Sou Ricardo Coração-de-Leão».

No sombrio Castelo de Nottingham, Marian é condenada à morte. Mas não quis Deus nem os fados que fôsse executada. Enquanto o povo aclama o verdadeiro Rei (Ian Hunter), Robin mata em duelo o negregado Sir Guy. Glória ao Amor e à Valentia!

(Texto de António de Carvalho Nunes)

2.ª série — N.º 6 — Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória: R. do Alecrim, 65, Tel 2 9856. Composto e impresso nas Oficinas de O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLONIAS, R. Dr. Luiz de Almeida e Albuquerque, 5. NEOGRAVURA, LIMITADA, T da Oliveira, á Estrêla, 4-6.

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTONIO LOPES RIBEIRO

16 de Dezembro de 1940

PREÇOS DA ASSINATURA
Ano .... 78$00
Semestre .... 39$00
Trimestre .... 19$50

Distribuidores exclusivos:
EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Tel. P. A. B. X. 2 7507) — Lisboa

Vai constituir-se em Lisboa a UNIÃO DO CINEMA LATINO

«Animatógrafo» publica orgulhosamente nas suas páginas o relato, feito por Fernando Fragoso, dum dos acontecimentos sem dúvida de maior alcance internacional registados na história do Cinema português. A «União do Cinema Latino» não é um projecto sem seqüência nem conseqüências, destinado a viver a vida das bolas de sabão. Os nomes que subscrevem o projecto, garantem-no de sobejo. E' preciso que as coisas de cinema, em Portugal, tenham a consistência própria das realidades necessárias. E assim será!

Jean Renoir deve estar contente! Se outras alegrias não tivesse a compensar o seu labor de tantos anos e o seu entranhado amor ao cinema — arte que tem cultivado com brilho e defendido com paixão — a sessão que se realizou no Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, no domingo transacto, deve tê-lo convencido de que, pelo menos moralmente, valeu a pena seguir o caminho que escolheu, dentro das normas que êle próprio traçou, com aquela fé e intransigência conscientes, que mais tarde ou mais cêdo dão sempre os seus frutos.

Estou certo de que uma grande festa, uma distinção protocolar oficial, uma cerimónia de grandes proporções o teriam emocionado menos, do que aquela homenagem modesta, mas impregnada de tão sincera amizade, feita num país que Jean Renoir desconhecia até há pouco e onde possivelmente não julgara encontrar tantos admiradores. A consagração do S. N. P. C. não lhe trará possivelmente benefícios ou vantagens de ordem material. Menos ainda qualquer repercussão no Estrangeiro, que possa lisongear a sua vaidade ou acrescentar novos títulos de glória aos que aureolam o seu nome. Mas o significado da homenagem prestada transcende do seu valor aparente. É a prova concludente de comunicação espiritual que a Arte Cinematográfica estabelece entre os povos. É a demonstração eloqüente da universalidade do Cinema — traduzida numa prova de deferência e gratidão! Não foi apenas o cineasta francês de *Fera Humana* ou da *Grande Ilusão* que o S. N. P. C. homenageou. Foi o Jean Renoir, pioneiro da Arte *tout-court*, que lutou por um Cinema mais belo, mais perfeito, mais humano e mais sincero e que conseguiu muitas vezes, em circunstâncias difíceis, fazer triunfar os seus propósitos — mesmo contra os desejos dos «pescadores de águas turvas da Arte Cinematográfica», para me servir da frase com que António Lopes Ribeiro definiu aquêles que põem acima de tudo os seus proventos, fazendo tábua raza dos direitos que são devidos ao cinema, que para êles é apenas uma máquina de fabricar dinheiro.

A emoção com que Jean Renoir recebeu a homenagem prestada, diz-nos que êle a compreendeu em toda a extensão. E as palmas dos trabalhadores do cinema português — que devem ter encontrado, no coração de Renoir, o eco das que a plateia do São Luiz lhe havia prodigalizado, dias antes — são a prova de que êle conseguiu o grande milagre da carreira dum cineasta: soube agradar ao público, sem trair os superiores interêsses da Arte Cinematográfica!

Pelo muito que tem feito pelo cinema e pela forma como sempre defendeu os trabalhadores de cinema, Jean Renoir merece a homenagem dos profissionais portugueses — declarou António Lopes Ribeiro

A convocação para a sessão solene que o S. N. P. C. promoveu, foi feita num prazo insuficiente. A incerteza da data da partida de Jean Renoir fez com que a Direcção daquela colectividade precipitasse, até certo ponto, a efectivação da cerimónia festiva, de preferência a perder-se a oportunidade de prestar a sua homenagem oficial ao grande cineasta francês. Os trabalhadores de cinema não acorreram ali em massa, como seria certamente o seu desejo, mas a verdade é que, mesmo assim, êles apareceram em número e qualidade suficientes para não prejudicar o brilhantismo e a solenidade de que a sessão se revestiu.

Constituída a mesa, Octávio Bobone, que dava a sua direita ao realizador da *Grande Ilusão* e a esquerda a António Lopes Ribeiro, presidente do Sindicato Nacional dos Profissionais do Cinema, declarou aberta a sessão e concedeu a palavra ao nosso Director, que expôs as razões que levaram os corpos directivos do S. N. P. C. a propor a concessão do título de socio honorário ao realizador Jean Renoir.

— Muitos cineastas têm passado ultimamente pelo nosso País e nunca o organismo a que presido entendeu dever distingui-los oficialmente — declarou António Lopes Ribeiro. Mas o caso de Jean Renoir é diferente. Pelo muito que tem feito pelo cinema e pela forma como sempre tem defendido os trabalhadores do cinema, arrostando com campanhas e más vontades — Jean Renoir é credor do reconhecimento dos profissionais da cinematografia.

E António Lopes Ribeiro, para ilustrar a sua afirmação, evocou sucintamente a torpe maquinação tramada contra Renoir, pelos produtores franceses, quando *La Règle du jeu* se apresentou em França. Como *Animatógrafo* noticiou, aquêle filme foi produzido pelo sistema de cooperativa. Isto é: todos os técnicos que nele intervieram estavam interessados nos lucros do negócio. A ideia era tão revolucionária que certos produtores franceses, assustados com as perspectivas que tal fórmula abria e que lesavam os seus «interêsses», se uniram para conseguir por todos os processos, que a crítica fôsse desfavorável àquêle filme.

António Lopes Ribeiro faz depois o elogio de Jean Renoir, lutador incansável, a quem o Cinema deve uma obra altamente construtiva. E terminou por dizer que propunha aos assistentes que o assentimento à proposta da Direcção fôsse dado por aclamação.

Uma longa e vibrante salva de palmas abafou as suas últimas palavras. Jean Renoir, de pé, extremamente comovido, tocado intimamente por aquela homenagem tão desprentenciosa, tão simples, mas tão sincera e amiga, pediu licença para proferir breves palavras de saudação e agradecimento. E depois de António Lopes Ribeiro lhe haver traduzido o sentido das palavras que pronunciava, e de nova salva de palmas ter ecoado com entusiasmo, Jean Renoir dirigiu-se aos assistentes.

«Se há algum país que tenha direito a realizar filmes coloridos, êsse país é Portugal» — afirmou Jean Renoir

Com aquela naturalidade que lhe é proverbial e com a despretenção que constitui uma das mais curiosas facetas da sua personalidade, Jean Renoir começou por afirmar que considerava honra imerecida a distinção de que fôra objecto. Para êle, no entanto, essa honra tinha um sentido mais lato, porque via — quem sabe? — na homenagem prestada, o primeiro passo para a colaboração cinematográfica dos povos latinos, de que êle tem sido o mais entusiasta paladino.

E Jean Renoir explicou: Há um único país europeu que, pela sua extensão, pela sua população e, consequentemente, pelo número apreciável de salas que conta e de espectadores que as freqüentam, pode ter a pretensão de fazer filmes, destinados exclusivamente ao consumo próprio e que, embora custando muito dinheiro, se «pagam» e alcançam a indispensável margem de lucros, dentro das próprias fronteiras. Êsse país — é a Alemanha.

Todos os outros, porém, necessitam de contar com o Estrangeiro, quando não as respectivas indústrias cinematográficas estão condenadas a viver em regime deficitário — ou então a produzir filmes que nunca poderão competir em esplendor e envergadura com a produção americana. Jean Renoir tem uma fé imensa no futuro do cinema latino. Reconhece que o cinema anglo-sa-

(Continua na pág. 11)

Uma conferência de RENOIR no INSTITUTO FRANCÊS

Na passada quarta-feira, no «Institut Français au Portugal», Jean Renoir realizou uma conferência muito notável intitulada «Comment je fais un film». Assistiram o sr. Ministro de França e um numeroso público, que apreciou como devia a verdadeira lição que o realizador de «La Chienne» ministrou durante mais duma hora, sem que o interêsse dela tivesse abrandado durante um só minuto.

Mais do que explicar-nos como fazia um filme, Renoir contou-nos, da maneira mais viva e mais sincera, como fez todos os seus filmes, evocando a sua carreira, as suas lutas, os seus êxitos e os seus fracassos, com aquela lhaneza de que possui o segrêdo, e que o tornam simpático a todos os auditórios.

Na impossibilidade de a descrever, como desejaria, «Animatógrafo» quere guardar nas suas páginas a recordação duma tarde de cultura cinematográfica exemplar, pela nitidez e verdade dos princípios expostos, inimigos irreconciliáveis do estetismo pretencioso que seduziu e seduz ainda os amadores do «ângulo exquisito».

O sr. Raymond Warnier, director do Instituto Francês, apresentou o conferente, evocando a festa de «Animatógrafo», e agradecendo, como francês, a distinção conferida pelo Sindicato Nacional dos Profissionais do Cinema a um seu compatriota.

Convidou também o director de «Animatógrafo» a realizar no Instituto uma conferência sôbre Cinema Português, convite que foi aceito.

MANIFESTO

à cinematografia espanhola

Êste breve discurso que dedicamos à nossa Cinematografia pode levar-nos, em seu aventurado propósito, a conclusões que resultem escandalosas para os ânimos não cultivados na serenidade. Declaremos, como partindo dum princípio, que viemos para êste deserto sem recear termos perigosos, já que a nossa missão não é aventurar uma profecia, mas sim seguir um raciocínio. Fica assim a alusão eliminada do nosso discurso, porque a tudo aquilo que surja na linha recta do raciocínio chamá-lo-emos pelo seu nome, como Deus manda. E agora vamos começar pelo princípio.

I

A Cinematografia é uma nova forma de expressão. Há meio século que a imaginação do homem achou um lugar inédito onde prosperar e conter um mundo que lhe fugia das mãos. E êste achado dum vasto campo luminoso recebeu o nome de Cinematografia. ¿Pensou-se alguma vez em tratar como sintomas que anunciam o nascimento da arte Cinematográfica tôdas aquelas convulsões artísticas do fim-do-século com que as artes antigas pretendem exprimir as emoções dum mundo apressado? Não é a primeira vez que o natal duma Arte se anuncia com tais mostras de angústia. Aqui, nas margens do século XIX, as formas retorcem-se e torturam-se para alcançar uma ordem nova; e é o Cinema quem resolve nos últimos anos do século aquela deformação plástica e literária em que as Artes eternas caiem, ao decompôr-se, com a velocidade do mundo. Nasce, pois, o Cinema como Arte dedicada a conter o movimento, a expressão viva, e a recolher êsse processo, que há de esgotar o homem, para chegar ao gesto permanente do «galo moribundo», ou para desenvolver o angustioso transe de «Lacoonte». A ciência arroja-se com valentia para êstes novos braços e fica, no seu gesto múltiplo, ao serviço da imaginação, que já poderá exprimir com ela, finalmente, as suas elocubrações fabulosas.

A missão nova é conter um mundo que dá saltos e esbraceja e se exprime com uma sensação de liberdade até então desconhecida. E compete ao Cinema ordenar êsse avanço envolvente da vida e ser a fórmula de expressão do nosso século, pois que surge para expressar o movimento.

Não pode assim maravilhar-nos que o país mais incorporado no dinamismo — a vida valoriza-se por dínamos, já sem consciência do êxtase —, a nação lançada, a América do Norte, leve prêso a si êste sugestivo jôgo de luz, a quem oferece a sua técnica e a sua vida precipitada. Quando aquêles operários saindo da fábrica», que os irmãos Lumière apresentaram em 1898, dão o seu primeiro passo na direcção do espectador, o mundo intimida-se, porque adivinha que dali nasce uma ordem nova. Consagram-se-lhe muitas vocações; mas a nova arma é ágil para ser esgrimida por um velho mundo que arrasta, como uma cauda solene, a sua transcendentalidade. Por isso, enquanto Pina Menichelli agoniza num salão de palmeiras artificiais agarrando-se pesadamente a tôdas as cortinas que encontra, cem cavaleiros americanos invadem a galope as telas brancas. O velho mundo também quisera correr a cavalo e ter uma suave rapariga a quem defender a punhos nus; mas cada vez que um dos seus galãs tem que perseguir o inimigo, tropeça, infalivelmente, com uma poltrona da sala. Tudo isto não é uma chalaça literária; pelo contrário, segue uma linha secular: a Europa nunca larga a poltrona, o que seria o mais prático, antes se entretém a procurar a melhor maneira de a rifar, porque é isso a cultura.

Não faltam na Europa gentes que cultivem o Cinema qual uma nova artesania, perante a produção organizada da América; mas esta leva sempre consigo os números úteis, que são hoje, ainda, a essência de Hollywood. Chegamos assim ao momento mais grave da Cinematografia europeia, àquele ano, chamado, pouco mais ou menos, 1925, em que os velhos povos decidem adoptar o ritmo americano e dançam ao som da sua música. São os anos em que a própria Europa cai dentro da mentalidade da América, que exerce assim, através da Cinematografia, o mais poderoso império mental que tem havido no mundo. A juventude de todos os países deixa-se levar alegremente.

E' como um novo descobrimento de terras aonde acorrem tôdas as imaginações decididas a prosperar. Fácil se torna então adivinhar que uma Europa metida nestas cavalarias da inconsciência, depressa há-de sentir o seu fracasso; que quando a Europa volte do baile, à noite, com a cabeça recostada no ombro do jovem pândego a quem entregou, embriagada, a chave da porta, já a estejam aguardando, no seu patamar burguês, uns complexos de consciência histórica.

Derrotado pela sua própria fraude, aquêle cinema do velho continente adopta um recatado ar de província. E na sua «pro-«víncia», de vencido, está, quando eis que um belo dia, ao ver saltar a água de um arroio, sob o céu claro, repara como estremece a alma a um homem. E descobre a sua finalidade. A vida, na sua expressão cinematográfica, já não será uma arte ocupada em atirar para cima cem pernas bem escolhidas. A Europa têm também uma missão séria a cumprir no cinema. Há que ganhar para outras missões esta grande aventura técnica; e se para aproximar-se do público despersonalizado pelo «fox-trot», a Europa estende um braço condescendente, ponte de prata para os seus temas frívolos, é fácil dar-se conta, no entanto, que esta Cinematografia já sente o pêso do coração e tem coisas próprias para dizer. A sua densidade vai ser, precisamente, a sua característica, e vai radicar o seu esfôrço no facto de dar ao «conteúdo» umas asas ligeiras, que sobrevoem o mundo. Mas já estamos agora em nossos dias, quando todos os povos reclamam para si a missão dum cinema nacional, que dantes era monopólio dum povo sagaz. Acoçado duma parte pela exigência política e doutra pelo rigor financeiro, que não constitui, precisamente, uma ordem contemplativa, o cinema dos nossos dias significa a ditosa superação para ganhar os mercados do mundo.

¿Que representa, nesta luta universal, a cinematografia espanhola? Chegamos ao nosso tema, depois duma jornada de divagação, sem que nos deixássemos tentar em demasia pela bela recordação da paisagem. Já avistamos terra nossa, em que nos dispomos a tocar amanhã.

II

Antes de bolir num só metro de película espanhola, cumpre-nos fazer, a todos, uma meditação fundamental. Os povos têm para a sua cinematografia exigências maior que a que põem em qualquer outras das manifestações nacionais. A própria universalidade do Cinema, que não pode ser contrariada, cria concorrências vivas a qualquer produção nacional, obrigada a medir-se com um material estrangeiros depurado, que tem anos de predomínio e não sua as estopinhas. A mesma hora, perante o mesmo público, na mesma cidade. «Maria de la O» tem que defrontar-se com «Maria Walewska». Eis aqui uma competição que não conhecem o Teatro, nem o Desporto, nem qualquer outra das expressões espanholas, que vivem, fisicamente, muito longe da sua correspondente função estrangeira. Esta inevitável maravilha de levar aos camponeses do Cáucaso as imagens fabulosas de Nova Iorque, e de os fazer disfrutar nas suas aldeias um horizonte de delírios cinematográficos, criou no mundo a atitude exigente que dá o conhecimento das coisas. Quero dizer que medimos toda a obra cinematográfica com um padrão universal, que nos foi dado pela própria Cinematografia e que só ela cnhece. Mas a verdade é que esta exigência existe, e que necessitamos enfrentá-la por um caminho de superação que seguiram também todas aquelas Cinematografias que nasceram para a vida universal demasiado tarde.

Para encarar a luta, impõe-se ainda a êste discurso uma consideração prévia: Sabemos que o nosso cinema sofre de um atrazo considerável.

Era preciso dizer isto, meus amigos, como ponto de partida inexorável para o discurso, e porisso me sacrifico a dizê-lo. Mas digamos também, logo a seguir, sem dar tempo à desesperança, que pela primeira vez temos fé na renovação da Cinematografia espanhola. E não porque haja planos secretos que se destinem a orientar o nosso Cinema como fenómeno isolado da vida nacional, mas sim porque, também pela primeira vez, acreditamos hoje na renovação total de Espanha. Porque foi um êrro perigoso em certos homens que cultivam o protesto como única capacidade, pedir ao Cinema espanhol uma largueza que a vida espanhola desconhece. E era inútil êste apêlo à facilidade que nem a fina sensibilidade do negativo virgem poderia recolher em Espanha. Porque a cinematografia dum povo foi sempre a mais clara expressão da vida que êsse povo leva. E é talvez por isso que vemos alusões a todos nós no Cinema nacional e reagmios ante as suas torpezas como se elas nos ofendessem pessoalmente.

M. A. GARCIA VINOLAS
Chefe do Departamento Nacional de Cinematografia

(Continua)

PANORÂMICA

O Manifesto de Garcia Viñolas

Tal como prometemos, começamos hoje a publicar o admirável «Manifesto à Cinematografia Espanhola» que o chefe do Departamento Nacional de Cinematografia de Espanha publicou nos primeiros números da excelente revista que dirige: «Primer Plano».

A autorização que lhe pedimos foi-nos dada com palavras de tão cativante gentileza, que estamos certos que a colaboração entre o cinema português e o cinema espanhol, com êste último dirigido por tão grande amigo de Portugal, pode ser um facto, e de extraordinário alcance. O próprio Garcia Viñolas nô-lo afirma, na sua carta:

...«estas relações que entre nós se iniciam pela obra comum e com o mesmo entusiasmo, hão-de chegar a conclusões muito venturosas.»

Pela nossa parte, desde já nos pômos ao inteiro dispôr e ao lado e Garcia Viñolas, no pleito de conquistar para o cinema da Península Ibérica o lugar a que tem jus.

Portugal e Espanha cimentaram com sangue, na guerra de 36-39, um ideal comum de civilização cristã, de que o cinema pode ser o mais poderoso propagador. E nada pode contribuir mais, neste momento, para a União do Cinema Latino que se projecta, que a colaboração efectiva de Espanha e Portugal. A América do Norte possue um mercado muito vasto. Mas a América do Sul, onde se fala exclusivamente espanhol e português seria um mercado comum não menos interessante, sob todos os pontos de vista, artísticos ou comerciais.

«Animatógrafo» e «Primer Plano» vão combater juntos para que o sonho de hoje se torne na realidade de amanhã.

Mota da Costa

Faz parte, a partir dêste número, da redacção de «Animatógrafo» e desempenhando o cargo de Secretário da Redacção, o nosso camarada Mota da Costa. Só os seus afazeres profissionais de jornalista activo o impediram de colaborar connosco desde a primeira hora. Logo que surgiu uma oportunidade, não hesitámos em convidá-lo — e êle não hesitou em aceitar.

Registamos com muita satisfação, no grupo onde se encontram todos aqueles a quem o jornalismo cinematográfico português deve efectivamente alguma coisa, a presença dum companheiro de ideal e de combate, o primeiro que teve a coragem de dirigir um jornal diário exclusivamente dedicado a assuntos cinematográficos — «Crónica Cinematografica» —, e um dos mais sinceros e leais trabalhadores do nosso ofício.

Guerra ao exagêro!

Trouxeram-nos para cima da mesa da redacção um papelucho edificante que pretende reclamar um filme numa cidade portuguesa que se conta entre as primeiras e que tem mesmo fóros de superioridade autêntica, no domínio mental. (Pedimos desculpa de usar estas evasivas sibilinas, «à la Nobre Martins», mas o pudor obriga-nos a ocultar, até reïncidência, os nomes responsáveis).

Nêsse papelucho, quási imponderável, mandou-se imprimir em letras gôrdas, as seguintes frases lapidares:

...«O filme mais discutido de todo o mundo»... «A grande revelação da temporada»... «Assombro como nunca o cinema realizou»... «O espectáculo mais sensacional de todos os tempos»...

Pois tudo isto se aplica a uma fiteca de terceira ordem, a que a própria casa distribuidora não liga grande importância, e que não conheceu, em parte nenhuma, qualquer êxito, nem de crítica, nem de público!

Consideramos isto profundamente deshonesto, e profundamente inhábil. É preciso que os exibidores se convençam de que o público não é parvo, e desistam de o tomar como tal. Além disso, não atingimos a vantagem de gastar muita pólvora em mijaretes. A primeira vez, pode ser que pegue. Mas depois só pode dar êste mau resultado: o público passar a não acreditar em nada do que lhe diz a publicidade do emprezário, «nem mesmo quando fôr verdade».

O exagêro, parente enfatuado da mentira, na publicidade como em tudo, nunca serviu senão para desacreditar quem o usa e — o que é mais grave — para desacreditar a própria coisa a que se aplica. Ao pobre cinema já lhe têm feito bastantes torpelias para merecer um pouco mais da consideração daqueles que vivem à custa dêle.

A Página dos Novos

A publicação, no último número, da primeira página dos novos, espicaçou, como não podia deixar de ser, a veia dos nossos colaboradores voluntários. Disso nos congratulamos muito, mas convém dar alguns esclarecimentos:

1.º — «A Página dos Novos» não poderá ser publicada em todos os números, mas só uma ou duas vezes por mês.

2.º — Os originais enviados devem ser escritos a tinta, ou à máquina, dum só lado do papel; devem ser curtos; e ficam sendo, quer sejam publicados ou não, propriedade de «Animatógrafo», não sendo nunca devolvidos aos seus autores.

3.º — As respostas às solicitações de publicação serão feitas exclusivamente por intermédio da secção «Correio dos Novos». E', portanto, inútil escrever, telefonar ou procurar-nos pessoalmente, demonstrando uma péssima condição para quem começa: o não saber esperar. Por isso, e para satisfazer a natural ansiedade dos nossos colaboradores voluntários, procuraremos publicar o «Correio dos Novos» mesmo quando não venha a «Página».

4.º — Não nos interessa a publicação dos seguintes géneros: «críticas de filmes», salvo se trouxerem alguma coisa de verdadeiramente novo e original; «biografias de artistas», porque não trazem, evidentemente, nada que ignorem os nossos redactores; «história do cinema», salvo no que se refere à história do cinema português, porque essa, pelo contrário, interessa-nos muito saber como a interpretam os nossos leitores.

Lembrem-se ainda de que já temos na gaveta muitas dezenas de artigos, e que, em cada página, só podem sair dois ou três, escolhidos, é bem de vêr, entre os melhores.

Sétima Arte — SÉTIMA ARMA

Tenho por verdadeiro que a cada época, como a cada indivíduo, convém um método diverso para fazer aceitar uma razão. Não acredito em panaceias, em fórmulas universais, capazes de fazer aceitar uma só mesma coisa em períodos e a pessoas diferentes. O próprio cristianismo, difundidor da Ideia mais universal e mais nobre que existe, evoluiu, adaptou-se, encontrou processos novos de catequese, com o rodar dos tempos e conforme os prosélitos a que destinava.

Entendo assim que a propaganda duma coisa deve ser feita, não com a rigidez ortodoxa que os seus partidários mais ingénuos porventura reclamariam, mas com a flexibilidade e a condescendência necessárias à sua penetração em tôda a parte, e a todos os momentos.

Aí está a razão — e êste artigo pretende replicar antecipadamente a alguns reparos que podem ser feitos ao plano e à orientação de «Animatógrafo» — porque o nosso jornal não é uma espessa colectânea de estudos profundos e bisonhos sôbre a doutrina cinematográfica, e lhe quisemos dar, dentro da mais absoluta dignidade profissional, o tom acessível e brando que talvez irrite os nossos magros filosofadores da sétima arte, intelectualões inacessíveis, para quem tôda a largueza é comércio e tôda a clareza é traição.

Mas é que nós acreditamos no Cinema mais como um poderoso factor social, instrumento seguro de acção civilizadora, do que como um rebento serôdio da mãe das musas. Consideramo-lo um soberbo latagão capaz de arrastar consigo, pela palavra e pelo gesto, multidões e multidões; não um jovem mancebo pensativo, com ares de esteta decadente. Temo-lo hoje mais por uma arma que por uma arte.

Uma arma — é isso, é isso mesmo o que êle é! Arma temível, de dois gumes e múltiplas aplicações, como certos canivetes. Para a usar, então sim, é que são necessários os artistas, e se reclama que êles respeitem quanto puderem as melhores leis do gôsto e da técnica — arte das artes.

Durante a Guerra da Redenção de Espanha, descobriu-se a «sexta arma»: a radiofonia, que ajudou a ganhar batalhas, a vencer resistências, não só no terreno ocupado militarmente, mas nesse outro terreno mais difícil e mais impenetrável que é a alma, ocupada politicamente...

Pois a Guerra actual também evidencia o papel do Cinema como nova arma, a «sétima».

«Sétima arma» tal como é, na sua essência, a «sétima arte» — o Cinema acompanha os exércitos, assiste a todos os combates, regista os acontecimentos de todo o vulto, e projecta-os pelas sete partidas do mundo, consciente da sua influência e da sua claridade.

Os governos habituaram-se já, na Guerra, a utilizar a cinematografia como agente diplomático, e como adido militar...

Só desejamos que, na Paz futura, tão «fatal» como a própria guerra, êles não voltem a tratá-lo como uma espécie de brinquedo caro, servido por lunáticos parlapatões. O baptismo de sangue dá à «sétima arma» direitos inalienáveis.

E os que tiveram a fôrça moral para conservar a sua tranqüilidade — devem meditar e compreender.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

DEANNA DURBIN
é a favorita do público português

O êxito alcançado no Pôrto pelo «PRIMEIRO AMOR DE GATA BORRALHEIRA» e os resultados do nosso Referedum dos retratos

Embora não publiquemos neste número a «Pagina dos Novos», nem nos seduza a publicação de criticas cinematográficas que não sejam assinadas pelos críticos habituais de «Animatógrafo», julgamos, porém, interessante inserir neste número a crítica ao filme de Deanna Durbin, feita por um dos nossos leitores do Pôrto, Eduardo Soares, aliás treinado em lides jornalísticas, especialmente no jornalismo cinematográfico, pois foi durante largo tempo correspondente no Norte da revista «Imagem», e nela publicou artigos interessantes.

Agora, impressionado com o mais recente filme de Deanna, cuja apresentação o Pôrto teve a primazia, não resistiu à tentação de escrever as palavras justas que a seguir publicamos. Fazendo-o sem as preocupações e a responsabilidade do crítico profissional, debaixo da impressão imediata que o filme, ao correr no «écran», lhe causou, essa crítica diz bem do agrado que o filme provocou no público frequentador do cinema, pois é um elemento dêsse público, aliás com uma segura formação cinematográfica, que nos vem dizer dos méritos da realização, do talento dos intérpretes, emfim, do valor do «Primeiro Amôr de Gata Borralheira».

Eduardo Soares mostra-se justamente entusiasmado com a graça, a sedução e o encanto pessoal de Deanna Durbin, que é o caso mais extraordinário de entusiasmo cinéfilo que o mundo do cinema tem sido testemunha, e chama a atenção dos seus leitores — das suas leitoras, particularmente... — para um novo actor cuja carreira é neste momento objecto do maior interêsse e do maior cuidado por parte da emprêza a que pertence — Robert Stack.

As suas impressões vão criar, com toda a certeza, entre o público que não teve ainda a oportunidade feliz de vêr «O Primeiro Amôr da Gata Borralheira» — o novo exclusivo dos Filmes Alcantara — um ambiente de interessada espectativa, aquela espectativa entusiástica com que costumam ser esperados os filmes de Deanna Durbin.

Não queremos demorar por mais tempo a leitura da crítica que um leitor portuense de «Animatógrafo» fez ao «Primeiro Amôr de Gata Borralheira».

Ei-la:

O cinema Trindade ofereceu ao Pôrto uma estreia em Portugal de categoria, com um filme encantador de Deanna Durbin—essa linda actriz que inúmeras simpatias conta entre os cinéfilos portugueses. E diga-se desde já que «O primeiro Amor de Gata Borralheira» *reúne reais qualidades de agrado, constituindo mesmo um autêntico êxito. Agradou-nos em absoluto esta admirável produção da* New Universal, *que Henry Koster realizou com mestria sublime.*

O filme é um encanto, uma maravilha, um autêntico conto de fadas!

Se Deanna Durbin não tivesse já conquistado o nosso público, First Love *só por si, seria o suficiente para a elevar ao número das artistas mais apreciados pelos* fans *de Portugal.*

Insinuante, graciosa, representando e cantando como só ela sabe — Deanna Durbin merece os nossos mais largos aplausos. A sua actuação é primorosa, inegualável, única no cinema.

Não se julgue porém, que o filme vale só por essa encantadora actriz.

O galã, Robert Stack, não pareceu amedrontado pelo facto de ser o primeiro amor de gata borralheira... Bonita figura, fotogénico em absoluto, por certo vai fazer sonhar muita menina cinéfila.

Desconhecido para as nossas plateias, Robert Stack vai ganhar simpatias, já pelo seu excelente trabalho nêste filme, já pela sua personalidade insinuante.

Helen Parrish, Eugene Pallette, Lewis Howard e Leatrice Joy não desmancharam o conjunto no desempenho dos restantes papeis capitais do filme.

Antes pelo contrário: o seu trabalho é demonstração exuberante de esfôrço máximo em acompanhar de perto os dois grandes astros do filme — uma que conquistou ainda mais o público (Deanna); outro, que entrou com o «pé direito» no nosso ambiente cinéfilo (Robert Stack).

Não vos vou contar o argumento — isso seria tirar o interêsse ao filme. Digo-vos que é de primeira qualidade e está recheado de cênas do mais puro lirismo. A história da rapariga que sai do colégio, onde o ambiente é propício para sonhos de fada e cai de repente no ambiente «amorfo» da alta sociedade — é encantadora.

Deanna conhece um homem que é o primeiro a beijá-la; Deanna vai pela primeira vez a um baile, e sonha, sonha muito, como qualquer de vocês, queridas leitoras, seria capaz de sonhar!

O final é um achado, inédito, enternecedor, e o público não pode reprimir uma lágrimazita teimosa...

«First Love» *possue cênas de bom cinema, e não quero deixar sem referência aquela em que Deanna na frente de um espelho, se vê acusada pela sua consciência. Uma cêna, de bom cinema, na verdade.*

Em resumo: «First Love» *vai agradar em cheio aos nossos cinéfilos e ficará por certo como um dos grandes sucessos de 1940!*

O Trindade registou uma enchente, e o público só não bateu palmas, dando largas ao seu bem justificado entusiasmo... por vergonha.

Deanna Durbin é simplesmente deliciosa quando canta um dos mais lindos trechos de «Madame Butterfly», no final do filme.

Spring in my heart *a sua primeira canção em* First Love *é uma composição de apurado gôsto, a que ela dá um relêvo excepcional.*

A fotografia de Joe Valentine apreciável, e a música de Charles Previn, deliciosa.

E para quê, dizer-vos mais alguma coisa?

O filme é um verdadeiro sonho côr de rosa!

EDUARDO SOARES

As palavras que acabam de lêr são um testemunho verídico e sincero das qualidades do filme de Deanna Durbin, que Lisboa vai vêr correr, dentro de poucos dias, nas telas do Odéon e do Palácio.

Nós, com o conhecimento e a autoridade que nos dá o termos visto já o filme, podemos assegurar aos nossos leitores que não há nas palavras de Euardo Soares nem excesso de entusiasmo, nem sombra de exagêro.

«O Primeiro Amôr de Gata Borralheira» é tal qual!

DEANNA vai à cabeça!

TYRONE POWER é o primeiro dos actores

Eis aqui, conforme prometemos, os primeiros resultados do nosso «Referendum dos Retratos», baseado nos votos dos nossos leitores enviados até o dia 13 de Dezembro de 1940. Nesta lista figuram os dez primeiros votados, sem atender ao facto de já ter sido publicado ou não o seu retrato, à excepção de CHARLES BOYER e GINGER ROGERS, que não foram certamente votados pelo facto dos respectivos retratos terem sido publicados no número em que lançamos a ideia do Referendum.

ACTRIZES

1 — DEANNA DURBIN.
2 — MIRNA LOY.
3 — NORMA SHEARER.
4 — ALICE FAYE.
5 — HEDDY LAMARR.
6 — PAULETTE GODDARD e DOROTHY LAMOUR (empatadas).
8 — ROSALIND RUSSELL.
9 — ANN RUTHERFORD.
10 — JOAN GRAWFORD.

ACTORES

1 — TYRONE POWER.
2 — MICKEY ROONEY.
3 — SPENCER TRACY.
4 — CLARK GABLE e GARY COOPER (empatados).
6 — ROBERT TAYLOR.
7 — CARY GRANT.
8 — JAMES STEWART.
9 — MELVYN DOUGLAS.
10 — RICHARD GREEN.

De acôrdo com o Regulamento que publicamos no n.º 4 de «Animatógrafo», os artistas cujos retratos já foram publicados, desaparecem da lista até que voltem a alcançar o número de votos suficiente para se classificarem entre os dez primeiros.

Os retratos dos dez primeiros de cada lista serão publicados o mais ràpidamente possível. Assim, já podemos anunciar que, no próximo número (o do Natal), figurarão na «Galeria do Animatógrafo» os dois classificados em 1.º lugar nesta 4.ª lista: DEANNA DURBIN e TYRONE POWER.

Muita Atenção!

SÓ TEM VALIDADE E SÓ SÃO CONTADOS OS VOTOS INSCRITOS NAS SENHAS DE VOTO QUE PUBLICAREMOS EM TODOS OS NÚMEROS, EM LUGAR DONDE POSSAM SER RECORTADAS SEM ESTRAGAR O JORNAL.

A GALERIA DO «ANIMATÓGRAFO»

Êste número inclue dois Retratos-Brinde que não podem ser vendidos separadamente, e que todos devem exigir aos vendedores dêste jornal.

CINEMA PORTUGUÊS



BARRETO POEIRA

Do «Gonçalo» da «CANÇÃO DA TERRA» ao «tenente Dolle» de «PORTO DE ABRIGO»

Quem se não lembra do Gonçalo da «Canção da Terra»? A poderosa interpretação de Barreto Poeira impô-lo desde logo como um autêntico valor. E o nosso cinema, desta vez, não pôs de lado alguém que se revelara capaz de interpretações ainda mais difíceis

Barreto Poeira não pensava vir a trabalhar em cinema. Não lhe faltavam, porém, aproveitáveis qualidades artísticas. Desde muito novo que sentiu decidida vocação para actor. Em teatro de amadores dera sobejas provas dos seus vastos recursos, de quanto era capaz de fazer. Todos lhe reconheciam valor, lamentando que Poeira não se interessasse pelos palcos profissionais. Estava ali um grande artista, à altura duma peça de cartaz. Barreto Poeira, todavia, na sua peculiar modéstia, e, talvez, porque o «teatro nem sempre é como o pintam», preferia a sua profissão e satisfazia-o o seu lugar no teatro de amadores — um lugar conseguido pelos seus reais méritos.

Um dia Jorge Brun do Canto «descobre-o», confiando-lhe o protagonista da «Canção da Terra». Poeira, vai de abalada para Porto Santo, e aí viveu ao natural o personagem que lhe confiaram—«Gonçalo», um camponês daquelas terras, onde as secas são o maior martírio, e a vida do campo «o pão de cada dia».

Barreto Poeira, após a estreia do filme, lograra as mais lisongeiras críticas e o mais rasgado acolhimento do público. Era o primeiro «galã» dramático do cinema português. Alto, de bom físico, simpático e despretencioso, na pujança dos seus dotes artísticos, conquistara os corações femininos. O teatro disputava-o.

Poeira não transigira. Mas o cinema ficaria privado do «Gonçalo», másculo, varonil, da «Canção da Terra»? Assim parecia, pelo menos, até que surgiu a boa nova: Barreto Poeira ia voltar ao cinema, num filme, e num personagem, inteiramente diferentes. O «Gonçalo» era, agora, o «tenente Dolle», do Serviço Secreto, dum país, algures na Europa.

O regresso de Poeira causara sensação, tanto mais que o novo «astro» parecia disposto a viver à margem da tela. Dera-se, contudo, o «milagre». Haviam razões para tanto. O novo papel de Barreto Poeira, era algo de novo no cinema nacional. Pela primeira vez, no nosso país, ia filmar-se, após o advento do sonoro, uma película de carácter internacional, vivida, uma parte, num país europeu em que se fazem sentir as ameaças da convulsão internacional, e outra num recanto sossegado de Portugal, entre a boa gente duma praia discreta e calma.

Barreto Poeira, de homem do campo, rude e trabalhador, habituado aos revezes da mãi-natureza, transformara-se num tenente distinto e hábil em serviços de espionagem — o tenente Dolle, de «Pôrto de Abrigo», a primeira produção de grande metragem da «Lisboa-Filme».

O tenente Dolle, ao serviço da polícia secreta do seu país, segue as pègadas duma aventureira que se refugia em Portugal, trazendo consigo os planos do reino da morte. Dolle não perde um único movimento da aventureira, cumprindo o serviço que lhe fôra indicado. O conflito, então, redobra de interêsse, sempre crescente até à última cena, em que se dá o imprevisto.

É êste o novo Barreto Poeira que «Pôrto de Abrigo» vai revelar.

O «Gonçalo» de calças remendadas, largo chapéu de palha, enxada ao ombro, a face, de barba crescida, escorrendo suor, deu lugar ao «tenente Dolle», de porte misterioso, elegante, destemido e arrojado.

Na intimidade, Barreto Poeira, é das pessoas mais simpáticas que conhecemos. Culto, duma inteligência viva, manifestada nos mais pequenos pormenores, possue o segrêdo de ter um amigo sincero em quem quer que o conheça. Os louros colhidos no cinema não o envaideceram. É o mesmo Barreto Poeira, conversador, amigo da «blague», amável — simpatia das simpatias. Dá gôsto ouvi-lo; é daquelas pessoas que mantem uma conversa, seja qual fôr o assunto versado, com elegância e interêsse. Os seus gestos não são estudados para resultarem bonitos», e beneficiarem os chefes de publicidade. É como é, e ·ão como as conveniências o exigem. O «snobismo» não tem, significado para êle. Poeira é a modéstia personificada.

Aguardemos a estrea de «Pôrto de Abrigo», a arrojada iniciativa da «Lisboa-Filme», a firma portuguesa a que o cinema nacional tanto deve, para nos referirmos ao novo desempenho de Barreto Poeira. De antemão, porém, e segundo opiniões de quem já viu em sessão privada, «Pôrto de Abrigo», podemos garantir que o recente trabalho de Barreto Poeira, é daquêles que causam sensação e consagram em definitivo um artista. — *S. Z.*

P. Z.

VER OUVIR... E FALAR

Quando tomei conta dêste cantinho da página dedicada ao cinema nacional, sabia muito bem que havia de ter uma coisa imensamente aborrecida—a falta de assunto «novo», isto é: a carência de notícias vivas, frescas, que merecessem comentário. Não estranho, portanto. E por isso mesmo não me queixo. Roma e Pavia não se fizeram num dia. E, se ontem a fabricação de fitas em Portugal parecia um bico de obra que poucos queriam encarar a sério, hoje já é possível, pelo menos de vez em quando, dedicar as páginas de uma revista a outros assuntos e figuras que não sejam do cinema estrangeiro. Esperemos confiados que a nossa indústria de filmes venha a dar aso a que dela nos ocupemos sem forçado favoritismo, nem intuito de apadrinhar êste ou aquêle, em aventura incerta.

Jorge Brum do Canto garante que o seu filme é certo. Tem havido até já conversas para se assinarem contratos. Leitão de Barros, que ainda ontem encontrámos às voltas com a ideia de que «santos de casa já fazem milagres», prometeu-me, para muito breve, novidade de escacha. Artur Duarte continua a encontrar-se com Mota da Costa e tudo indica que «O Amor Perfeito» — salvo seja! — está na forja. Por outro lado, o director do «Animatógrafo» não dorme. (Êle próprio se queixa de que, com o arranjo da revista, quási não vai à cama).

Isto é o que sabemos acêrca dos planos imediatos daquêles que estão na primeira fila da nossa produção. Fora disso, fala-se num filme musical que seria interpretado por dois conhecidos bailarinos e dirigido por António Vilar. Por sua vez, o actor Henrique Campos confessa não desistir de fazer a verdadeira história das nossas lezírias, levando por diante «Um homem do Ribatejo».

Entretanto, sabemos que a questão do Consórcio não foi atirada para trás das costas. Se fôr uma realidade, talvez não seja atrevido prognóstico o prevêr-se que a próxima temporada apresente a novidade de conservar filmes nacionais sempre em exibição ao lado das imprescindíveis obras estrangeiras que nenhum mercado, e muito menos o nosso, pode pretender alguma vez dispensar. Podem julgar que estas palavras manifestam ingenuïdade Mas enganam-se. Isto não é exagêro, que aliás seria tão estulto como injustificado, se pensarmos como é diferente o cinema em Portugal. Lembrem-se que hoje já se pode falar de filmes, anunciar projectos, sem ser à bôca pequena como naquêles tempos em que se temia que as notícias escangalhassem as negociações encetadas...

Os próprios factos o demonstram. Há êrros — muitos êrros! Mas o cinema português já é feito com mais alguns requesitos precisos para lhe darem o necessário triunfo. Há meios materiais, há aptidões prometedoras, há sincero desejo de acertar. Falta, apenas, disciplina e método. Para que o cinema nacional entre no bom caminho é indispensável que a máquina de produção não enferruge, não se torne pêrra...

Pela minha parte estou convencido de que método e disciplina acabará por se impôr. E' questão de tempo, paciência... e mudança de ares. Por isso mesmo, nunca desiludo essa legião de aspirantes a artistas que conheço e que querem entrar num filme, nem que seja, obscuramente, apagadamente nas fileiras da figuração. Eles sonham e são bem mais felizes do que nós. Nós sonhamos deitados, de papo para o ar, a imaginar lérias no fumo, nas nuvens e no céu. Eles sonham de outra maneira. Sonham acordados, ansiosos por ver o seu desejo com contôrno de luz, feito realidade.

E há alguns que eu conheço desde os tempos dos carnavalescos soldados de «José do Telhado», dos impossíveis campónios das primitivas «Pupilas», dos aflitivos populares do velho e sorna «Amor de Perdição»...

AUGUSTO FRAGA

VIDA CORPORATIVA

Inauguram-se no domingo os Cursos Profissionais do SINDICATO

Proseguindo a sua acção contínua de há três anos em prol do melhoramento das condições profissionais da cinematografia em Portugal, a Direcção do S. N. P. C. vai inaugurar, no próximo domingo, os primeiros Cursos Profissionais de Cinema que se ministram entre nós.

Não pode escapar a ninguém o interêsse de semelhante iniciativa, nem o significado do acto oficial que vai realizar-se, com a presença e o apoio dos organismos interessados: Ministério da Educação Nacional, pela Direcção Geral do Ensino Técnico; Instituto Nacional do Trabalho e Previdência e Inspecção Geral dos Espectáculos.

Há muito que se fazia sentir no meio cinematográfico a necessidade de cursos técnicos, capazes de aproveitar as qualidades dos mais dotados, aperfeiçoando-as com ensinamentos indispensáveis e que só são leccionados em estabelecimentos superiores, e sempre da maneira mais avessa à sua possível aplicação cinematográfica.

A mecânica, a electricidade, a acústica, como matérias especializadas, só podem aprender-se entre nós em institutos cuja freqüência é incompatível com a necessidade de trabalhar e com as próprias habilitações dos profissionais de cinema. E, no entanto, ninguém poderá negar que o seu conhecimento, teórico e prático, seria muito vantajoso a um projeccionista de filmes, por exemplo.

Além disso, em parte nenhuma, a não ser nos próprios cinemas, por obséquio dum emprezário e dum chefe de cabine, podem os que possivelmente gostariam de escolher uma profissão na exibição de filmes estabelecer o contacto necessário com a aparelhagem, conhecê-la, examiná-la e, o que vale mais ainda — «mexer-lhe», vêr com os olhos «e com os dedos», como funciona a máquina de iludir.

Pois todas essas possibilidades vão ser postas pelo Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema à disposição dos seus sócios e dos estranhos que se matriculem, em determinadas condições. E vão ser abertos, sob a direcção de técnicos competentes, cursos profissionais, dos quais já se inauguram no domingo os dois primeiros: Projecção e Revisão.

Estamos a adivinhar a desilusão dos candidatos a estrêlas... do Lumiar, que supunham talvez que tais cursos iam ensinar-lhes a «fazer expressões» e «maquilhar-se», senão a rivalizar com Greta Garbo ou com o Spencer Tracy com um sentido prático de louvar.

O Sindicato preocupa-se primeiro com o que está mais directamente sob a sua alçada e nas suas possibilidades imediatas. E, em boa verdade, não vale a pena fazer maravilhas nos estúdios, quer seja em Hollywood, em Berlim, na Cine-Città, em Barcelona ou em Lisboa, se êsses filmes forem depois projectados nas condiçoes «miseráveis», de imagem e de som, em que setenta por cento dos nossos cinemas os projectam. Pode dizer-se, sem exagêro, que cinqüenta por cento do nosso público cinéfilo (quási todo o público da provincia, por exemplo) «nunca viu» cinema como deve ser. Sem luz suficiente, sem som afinado, a melhor fita transforma-se num pavoroso mostrengo, confuso e roufenho.

Apressemo-nos a dizer que isto se deve à incompetência e à incúria de muitos exibidores, bem mais que à incompetência e à incúria dos projeccionistas, que actualmente só são autorizados a projectar filmes depois de submetidos a um exame demorado e rigoroso.

E mais ainda nos apressemos a dizer que projecções sonoras como as do São João, do Pôrto, do São Luiz, de Lisboa, do Cinearte, do Europa, do Odéon, de Lisboa, e doutros que não nos ocorrem de momento, honram a exibição cinematográfica em qualquer parte.

Não compreendem os que assim desleixam o seu principal instrumento de trabalho, o seu autêntico ganha-pão, que contribuem assim para afastar o público que, cada vez mais, desejaria freqüentar as salas de cinema.

Dizem êles que deixam as coisas naquele estado porque o público não vai; nós dizemos que o público não vai porque êles têm as máquinas naquele estado.

Para desenvolver nos próprios profissionais o brio suficiente para convencerem e ajudarem os patrões a melhorar as condições técnicas dos seus espectáculos, também o curso de projeccionista decerto se revelará bastante útil.

Quanto ao Curso de Revisão, para «revisoras» de distribuïção (operárias que verificam o estado em que se encontram as películas destinadas à exibição e as põem nas melhores condições de serem projectadas, limpando-as, fazendo cortes e colagens convenientes, etc., é inútil salientar a sua utilidade.

Embora projecte a criação duma Escola-Oficina modelar, o Sindicato só dispõe, por agora, do material mínimo indispensável, cedido pela compreensão de algumas entidades patronais, que sabem ajudar a indústria de que vivem, ou adquirido com as suas receitas próprias.

Mas projecta inaugurar brevemente novos cursos, interessando à Produção, e de que daremos oportuna notícia.

Método infalível para conseguir silêncio num estúdio português



—*Quem tem trôco de quinhentos escudos?*

TÍTULOS ILUSTRADOS



«MOCIDADE EM FUGA»



—— *A firma «Ilusions Picture» vai apresentar, sabe-se lá quando, a nova produção de Hypotheticus Improbably «Linneu», intitulada «The Return to Payus — Peeres», que será dirigida pelo nóvel mas já mau realizador Armand Myr Handy. A película é inspirada no filme de Fritz Lang. «O Regresso de Frank James» e é tôda colorida pelo moderno processo dos lápis de côres. O realizador, que é também o autor do argumento e de tudo quanto é preciso para fazer o filme terá como assistente um padeiro.*

—— *O realizador Layton Bar vai, em breve, começar a produzir o filme bastante histórico «The Private life of Marie de La Fontaine», sôbre um argumento do escritor Carlo Selvaggio. Algumas das principais cenas do filme passam-se a bordo duma nau mandada construir quási propositadamente.*

—— *Indigita-se para protagonista do filme «The Private life of Marie de La Fontaine» a actriz Dinah Thérèze, a rival de Shirley Temple. Grande parte da figuração do filme, por exigência do argumentista, será recrutada entre os pretos de Inhambane.*

—— *O filme «L'Amour Parfait», realizado por Arthur Dewart, que é, também o seu principal intérprete masculino, terá como protagonista a actriz Thereza Couple, considerada em Holywood como a rival de Mae West. Os diálogos do filme estão concluidos até à cêna em que a protagonista encontra o galã que lhe diz: — Chérie!, ao que ela responde: — Mon petit mari, mon petit mari, mon petit mari, e assim sucessivamente até emagrecer por completo.*

O HOMEM-SOMBRA

O RECENSEAMENTO da família BLONDIE



Há dois anos que a Família Blondie habita em Portugal, no Pôrto, hóspede da Aliança Filmes, naquele primeiro andar da Rua de Passos Manuel, que é uma espécie de definação geométrica das linhas paralelas, desde que a Aliança ocupou militarmente o cinema Politeama de Lisboa: lugar onde o Alberto Armando Pereira e o Carlos Moreira, por mais que se prolonguem, nunca se encontram.

Teve assim que preencher, como tôda a gente, o Boletim de Família necessário ao Recenseamento da População, ordenado por Salazar. *Como tôda a gente*, é modo de dizer, e dos mais incorrectos, porque nenhum dos membros da Família Blondie faz seja o que fôr como tôda a gente.

Por intermédio dum dos nossos agentes de ligação soubemos que o preenchimento do Boletim do Censo foi um caso sério.

Se Chic Young, o famoso caricaturista americano, «pater familiae» dos Blondie, tivesse assistido à cena (de que aliás terá conhecimento por nosso intermédio), de-certo inventaria *in-continenti* um dos seus mais divertidos argumentos, capaz de rivalizar com o de «Blondie Brings up Babie», em que vamos ver agora a celebérrima família.

Como tôdas as cenas em que participam, ela é indiscritível. Mas damos o mais importante: a cópia fiel do Boletim tal como foi preenchido por Dagwood, de colaboração com a mulher e com o filho (que está por ali para meter o bedelho e dar sentenças...), e em que os nossos leitores ficarão conhecendo o impagável quarteto tão bem ou melhor ainda que êles próprios.

Nome	Residência habitual	Relação com o chefe de família	Sexo	Idade	Estado civil	Nacionalidade
DAGWOOD	Aliança-Filmes	Chefe	Masculino	22 anos	Casado	Americana
BLONDIE	»	Mulhér	Feminino	28 anos	Casada	»
BABY DUMPLING	»	Filho	Masculino	4 anos	Solteiro	»
DAISY	»	Cadela	Feminino	2 anos	?	»

Nome	Instrução	Defeitos físicos	Profissão	Ramo de actividade	Meios de vida
DAGWOOD	Incompleta	Doido varrido	Comerciante	Sarilhos	Trabalho intermitente
BLONDIE	Relativa	Muito ciumenta	Doméstica	Linguística	Chefe de família
BABY DUMPLING	Completa	Vocação para pugilista	Génio precoce	Cabulice	Expedientes
DAISY	Canina	Tentação pelos candeeiros	Gastrónomo	Vadiagem	Caixote do lixo

O número de Natal do «Animatógrafo»

Apesar de só contar mês e meio de existência e das dificuldades de tôda a ordem que a guerra actual opõe à industria gráfica, «Animatógrafo» abalança-se a fazer, ao seu sétimo numero, um numero de Natal.

Fá-lo com a certeza de corresponder assim ao desejo dos seus milhares de leitores que, de todo o país, dizem que o nosso jornal é o melhor, o mais variado, o mais original e o mais «profissional» de todos os que têm aparecido em Portugal focando assuntos de cinema.

Por isso, pela confiança que nos merecem os nossos leitores, não temos outro remédio senão acreditar...

Pelo sumário (que não é mais que o sumário do sumário...) do numero de Natal de «Animatógrafo» publicado nestas colunas, poderão verificar que alguns temas escolhidos são de molde a satisfazer os mais exigentes.

O simples facto de apresentarmos 16 páginas de rotogravura, em vez das 6 ou 8 que temos apresentado, justifica que o nosso numero da próxima segunda-feira, ante-véspera de Natal, comemora condignamente a data festiva, levando a todos os cinéfilos, nas suas páginas cheias como ovos, as «boas festas» de «Animatógrafo».

Procuramos corresponder assim ao acolhimento que nos fizeram.

Todos os dias nos chegam as mais iniludíveis provas de aprêço. A simples leitura do «correio de Bel-Tenebroso» (secção que bastaria para celebrizar o nosso periódico, como já celebrizou «Cine-Jornal») basta para o provar aos mais descrentes.

Pois esperamos que continuem a honrar-nos com a vossa estima, e com o vosso incentivo, que é tudo quanto reclamamos como prémio desta tarefa que empreendemos em prol da cinematografia, usando os processos mais claros e mais directos,—e que é bem mais ingrata e difícil do que pode parecer.

Infelizmente, o prêço, agravadíssimo nos últimos tempos, de todas as matérias primas que entram na composição do nosso jornal (papel, tintas, cobre, zinco, etc.), força-nos a subir excepcionalmente para êsse número de 36 páginas, com capa a duas côres, o nosso prêço de venda avulso. O Número de Natal de «Animatógrafo» custará 2$50.

Mas todos os assinantes — inclusivamente aqueles que se inscreverem até sábado, 21 de Dezembro, receberão o nosso Número incluido dentro do prêço da assinatura, isto é: custar-lhe-á apenas, tal como os outros, 1$50.

A avaliar pela procura habitual do nosso semanário, aconselhamos vivamente os leitores a reservarem nas tabacarias onde costumam comprar o «Animatógrafo» o nosso Número de Natal.

Uma reconstituïção histórica rigorosa: «A TORRE DE LONDRES»



A grandiosidade, a espectaculosidade e a magnificência, a bravura e o heroísmo, a par dum rigor histórico que não é frequente, são algumas das características que possue «Tôrre de Londres», o magnifico filme da Nova Universal que Filmes Alcantara apresentarão ainda esta época



«A Tôrre de Londres», em que milhares de figurantes rodeiam alguns nomes prestigiosos do cinema americano, entre os quais se contam Basil Rathbone, Ian Hunter, Vincent Price, Boris Karloff foi dirigido com desusada amplidão e segura competência por um grande realizador — Rowland V. Lee

O que se passou na sessão solene do SINDICATO Nacional dos Profissionais de Cinema em que Jean RENOIR foi eleito sócio honorário daquele organismo

(Continuação da pág. 3)

se encontra no apogeu da sua ...na e da sua expressão. Mas está ...vencido de que o filme latino ...seguiria impôr-se — no dia em ... se estabelecessem as bases de ...aboração e intercâmbio, que de...n reger os destinos da cinemato...afia europeia.

—De dia para dia, continuou ...enoir, o cinema torna-se mais ca... Esse aumento de custo de pro...ução não tem uma contra-parti...



...da proporcional nas receitas que os filmes auferem. Como ... há-de equilibrar a balança da indústria? Fazendo com que os filmes tenham uma expansão cada vez maior, que vão buscar receitas a mercados até agora inacessíveis—mercados êsses que têm estado fechados por fôr...a de incompreenões e «combines», ...ue é preciso banir.

«O cinema a côres, é um facto ... exclamou Renoir. E' natural que ...rtugal, amanhã, queira produzir ...mes coloridos, pois tem condi...es para tanto, como nenhum ou...o País! Mas para que seja pos...vel tal facto, é indispensável que ... filmes portugueses passem em ...ança, em Espanha e na Itália e que os filmes dêstes países interessem, por sua vez, os mercados dos outros. De contrário, o seu custo não poderá ser amortizado!

«Estou convencido que desta guerra — continuou o grande realizador francês — sairá enfraquecido o poder do dinheiro. E então, com a boa vontade de todos, poderemos tornar realidade o que hoje nos parece sonho. Pela minha parte vos garanto que, logo que regresse a França, envidarei todos os esforços no sentido de conseguir que os filmes portugueses passem nos cinemas do meu País!»

Uma nova salva de palmas coroou as palavras de Jean Renoir que abraçou comovidamente o Presidente do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema.

Uma sugestão de Renoir — A união do Cinema Latino

Antes do encerramento da sessão, António Lopes Ribeiro usou novamente da palavra para dizer o seguinte:

—Todos os que me conhecem sabem que eu não costumo deixar cair em cesto rôto os alvitres ou sugestões que interessam ao futuro da Cinematografia Portuguesa. Por coincidência, acabo de receber esta manhã uma carta de Manuel Augusto Garcia Viñolas, chefe do Departamento Nacional de Cinematografia Espanhola, que está levando a cabo, com uma consciência e inteligência fora do comum, a tarefa de orientar e desenvolver o Cinema do seu País — carta onde diz que, dentro em breve, tenciona vir a Lisboa. Encontra-se também em Portugal, o sr. Rudolph Monta, figura proeminente da cinematografia europeia, que poderá representar a Roménia, numa troca de impressões preliminares para a constituição daquilo a que chamaremos, por agora, a União do Cinema Latino. Jean Renoir, que representaria a França, acaba de me dar o nome de um dos seus íntimos amigos, a quem vamos escrever, no sentido de solicitar a sua opinião, como representante da Itália: o sr. Luigi Chiarini, director do Centro Experimental de Cinema, da Cine-Citá.



Não me parece difícil, pois, desde já, promover uma reünião para efectuar uma troca de pontos de vista entre representantes dos cinco países latinos da Enropa, no sentido de conjugarmos todos os esforços para uma ampla colaboração nos domínios cinematográficos. A sugestão de Jean Renoir vai, dêste modo, tomar forma — e se outras razões não tivéssemos para nos felicitarmos por o ver entre nós, esta bastaria para considerarmos pouquíssimo — o pouco que temos feito por êle.

E com palavras de congratulação de Octávio Bobone, pela forma como decorreu a sessão a que presidira, terminou esta festa, que honrou a colectividade que a realizou e a Direcção que a promoveu.



FERNANDO FRAGOSO

CARTAS DUM CINÉFILO

Conceituado director:

Tenho uma grande novidade a dar-lhe. Finalmente que sou um inventor e ninguém pode duvidar do meu saber sôbre matéria cinematográfica. Já sei tanto disto como o senhor e os outros três realizadores portugueses. Já sei fazer um filme e não tarda muito que eu não esteja no sindicato como realizador. Em dois dias aprendi tanto como os cineastas portugueses em muitos anos de porfiado estudo! E sabe com quem aprendi? Com o sr. Jean Renoir. Fui ao S. Luís e ao Instituto Francês ouvir as conferências que êle fez a explicar como se fazem fitas. Fiquei sabendo tudo. Só o que tive pena foi de não saber francês para perceber o que êle disse.

Por hoje não o enfado mais

Cinéfilo às ordens

Ignácio da Purificação

P. S Com que então o sr. Fernando Barros que foi para o Brasil casou e faz fitas. Tal e qual como o meu pai que casou e, desde então, já lá vão trinta e tal anos, nunca mais deixou de fazer fitas, com a mulher dêle, que por tal sinal é minha mãe. E deixe que lhe diga. Esta tendência que eu tenho para o cinema é de família como o sr. vê. Sim, porque a minha mãe, garanto-lhe, que dava uma contra bestial.

Estou ancioso por vêr o novo filme português, «Pôrto de Abrigo».

Dizem que é um assunto novo no nosso cinema e daí o meu interêsse. Porque eu acho que a gente deve absolutamente variar de motivos. Deviam-se fazer fitas de outras qualidades, excepto filmes de terror. No cinema português alguns realizadores já têm filmes que causam terror e o êxito tem-se visto. Estou cheio de esperança no novo realizador sr Adolfo Coelho, mas acho-o um bocadinho vaidoso e isso é mau. Anda para aí todo inchado que parece que a fita já se exibiu e agradou. Também ouvi dizer que o sr Artur Duarte vai realizar outro filme.

Como êle fez «Os Fidalgos da Casa Mourinha» à época e resultou vou-lhe dar outra ideia que a mim me parece boa Era fazer a «Morgadinha do Val Flor» também à época e devia ser em cheio e se não fôsse também não deve haver receio da arte do sr. Artur Duarte, porque o sr. Boto já fez da «Morgadinha» uma opereta e ninguém lhe bateu.

E como digo acho a ideia excelente e, ainda com esta vantagem. O papel da Morgadinha, a rapariga desenvolta que monta a cavalo, chucha ao pintor não liga nenhuma à etiqueta, enfim, o verdadeiro diabo de salas, parece que foi escrito de propósito para a D. Tereza Cazal. E pouco terá que alterar no enrêdo para parecer dos nossos dias

O pintor passava a ser um arquitecto, o capitão mór podia ser um sargento da guarda-fiscal, etc.

Estou convencido que o sr Artur Duarte se saía bem da emprêsa e se não saisse, como faz tenções de voltar para o Brasil depressa esquecia...

I. DA P.

P. S. ao P. S. Pensei melhor e já não dou a ideia ao sr. Artur Duarte. Dou-a antes ao sr. Armando Miranda, que transforma a Morgadinha em «Padeira de Aljubarrota», que isto de fazer fitas, para êle pão.

I da P.

À procura dum título português para «Mister Smith goes to Washington»

Embora a «isca» dos 500 escudos bastasse para justificar o entusiasmo dos leitores de «Animatógrafo», a verdade é que excedeu largamente tôda a espectativa o êxito do nosso concurso, organizado de acôrdo com a Aliança-Filmes, para escolha do título português do novo filme de Frank Capra «Mister Smith goes to Washington». O prémio prometido dava-nos a certeza de que muita gente concorreria. Mas tínhamos algumas dúvidas sôbre os resultados práticos do concurso — isto é, receávamos que, embora aparecessem muitos concorrentes, não fôssem propostos «bons títulos». Ora podemos já nesta altura dizer que os nossos leitores souberam salvar o concurso de semelhante fiasco. Daqui lhes enviamos muitos parabéns e os nossos agradecimentos por terem sabido honrar a confiança que neles depositámos. Convém esclarecer que não há qualquer contradição entre esta confiança e as dúvidas ou receios atrás aludidos. De facto, por maior que fôsse a nossa confiança, um certo cepticismo era de rigor visto não ignorarmos que é um tremendo bico de obra encontrar um título adequado a um filme que não se viu e do qual apenas se conhecem as linhas gerais do argumento e as intenções e estilo do seu autor. Antero Faro começa a sua carta-resposta que publicamos na íntegra nesta página salientando exactamente essa dificuldade. Mas êle logo demonstra a seguir que não há dificuldades quando se dispõe de intuição, de engenho, de espírito e de inteligência — sugerindo com admirável facilidade uns poucos de títulos «possíveis». E muitos outros concorrentes praticaram idêntica proeza!

UMA CARTA DE ANTERO FARO

Meu caro Director:

Descobrir um bom título para um filme que se não viu é tarefa tão adventícia como inventar uma alcunha para um senhor de quem sabemos apenas que é americano, alto, vagamente cancjo e que possue o narisinho mais anglófilo dêste mundo...

•

As alcunhas são como as caricaturas — não devem dar-nos sòmente a sugestão da forma. Devem, acima de tudo, revelar-nos a psicologia da pessoa visada. De contrário não são alcunhas — são nomes próprios... ou impróprios, consoante as circunstâncias!

Os títulos são como as alcunhas: — «se não dizem nada» são simples etiquêtas, vazias de sentido, por melhor que soem.

Nesta conjuntura, só por acaso (isto é uma conjectura minha...) se poderá arranjar um título para o filme de Frank Capra.

Mas, pregunta a minha curiosidade, um filme de Capra necessita, na verdade dum título? Não lhe basta êsse nome, um número, um simples rótulo ou etiquêta para que sirva apenas para o diferenciar dos seus outros filmes?

Se basta!...

Eu julgo até que é demais...

•

«O sr. Smith vai a Washington por ter sido eleito senador, graças às malas-artes dum político e dum magnate da Imprensa...»

CACIQUES AMERICANOS

que esperam dispôr dêle como dum...»

BONECO DE PALHA

ou

UM POBRE DIABO

ou ainda

CABEÇA DE TURCO

«E' fácil imaginar o desenvolvimento da história, especialmente se se acrescentar que o jovem senador se revolta contra os seus protectores...»

FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

«êle é um rapaz cheio de nobreza...»

NOBREZA AMERICANA

«...não compreende a política senão como um meio de servir o...»

BEM COMUM

ou

UM HOMEM ÀS DIREITAS

ou ainda

GLÓRIA AO SR. SMITH

«O episódio capital do filme mostra o combate decisivo travado por Smith contra os seus inimigos em plena sessão do Congresso dos Estados Unidos...»

PEÇO A PALAVRA

ou, melhor,

PEÇO A PALAVRA, SR. PRESIDENTE

Pois também eu peço a palavra, senhor presidente do Sindicato!...: — Se o político e o magnate armaram todo êste mistifório, certamente

JUNTARAM-SE OS DOIS À ESQUINA

(que grande «título», se não existisse o tal pudôr...) convencidos que levavam a água ao seu moinho visto que o senador

PARECIA PARVO

Mas enganaram-se redondamente. Eu é que não me engano se afirmar que o melhor título para o novo filme de Capra é

UM DIA ACONTECEU

porque esta laracha de políticos, magnates e dum homem às direitas se não aconteceu lá, aconteceu cá vela certa...

N. B. — Os quinhentos «paus» devem ser enviados, quanto antes, para a Rua Capitão Ramires, 4, 1.º, Dt.º.

ANTERO FARO

Reflexões sôbre algumas respostas

Poucos foram os concorrentes que se limitaram a apresentar um único título. Quási todos propõem três ou quatro, muitos indicam oito ou dez e houve até um que enviou uma lista com *trinta e sete!* A avaliar por tamanha imaginação deve tratar-se dum português cem por cento, latino sem mistura! Bravo!

Duma maneira geral pode dizer-se que raros foram os concorrentes que não compreenderam — não diremos o objectivo do concurso, mas o que era necessário para conquistarem probabilidades de o ganhar. Assim, apareceu um que propôs, serenamente: «Eu não vim da Lourinhã!» E' natural que êsse concorrente tenha «um caso pessoal» com aquela simpática vila estremenha — mas nós não temos nada com isso, e o filme de Capra ainda menos, se é possível. Outro sugeriu: «Julgavam que eu era trouxa» e «Eu cá não fui na conversa». Ora por mais simpatia que se tenha pela linguagem pitoresca e popular, deve compreender-se que os cartazes dos cinemas não são sítio onde se escreva em calão. Já bastam os das revistas...

Alguns leitores mostraram preferir, ou pelo menos inclinaram-se para um género de títulos anodinos e inexpressivos, infelizmente mais vulgares do que seria para desejar — em Portugal como no resto do Mundo. Referimo-nos a essas fórmulas estereotipadas, quási sempre completamente vazias de sentido, que podem por vezes parecer pomposas e bem soantes mas que nunca tem carácter, incisão, personalidade. Como regra geral, essas expressões nunca dão títulos, verdadeiros títulos — são apenas *rótulos*. Alguns exemplos: «Nova Aurora», «Chegou, viu e venceu», «A caminho do triunfo», «A revolta da consciência», «Servir para vencer», «A vida é uma festa».

Apareceram também alguns concorrentes que não ponderaram devidamente certas exigências técnicas ou formais do que seja um bom título. Por exemplo: quanto ao comprimento. Se pode compor-se um bom título com quatro ou mesmo, cinco palavras, desde que a sua pronúncia seja fácil, rápida e musical — já o mesmo não sucede com frases mais compridas ou cuja dição não possua aqueles predicados. Assim: «Contra os políticos de algibeira», «Dois pescadores de águas turvas comidos pelo peixe», «Escuteiro na província, Senador em Washington», «Acima de tudo a verdade».

E' evidente que fazemos estes reparos com a intenção de orientar os nossos leitores, não só com vista a hipotéticos concursos semelhantes, mas até no desejo de melhorar e formar o seu gôsto, duma maneira geral. Não devem pois melindrar-se com as nossas observações.

O pelotão da frente

Muitos concorrentes, na louvável aspiração de se aproximarem o mais possível do título original e a exemplo de outros títulos célebres — e excelentes — como «As Aventuras de Tom Sawyer», «Adeus, Mr. Chips!», «Andy Hardy apaixona-se», etc. propuzeram alguns belos títulos em que se fala no protagonista do filme — Mister Smith —, nome que simboliza o americano médio, e a que corresponderia em português «o sr. Silva», ou até «Zé Povinho». Eis alguns dêsses títulos concorrentes, respigados entre os melhores: «A revolta do sr. Smith», «O incorruptível sr. Smith», «O valor de Mr. Smith», «Mr. Smith senador à fôrça», «Mr. Smith em calças pardas». Outros concorrentes escolheram para se habilitarem aos 500 escudos um tipo de frases diferente — e não nos parece que tivessem escolhido mal. Referimo-nos àquele género de expressões a que pertence «Não o levarás contigo!», o qual, quando as frases são bem torneadas, expressivas e incisivas, pode dar títulos excelentes. Eis alguns dos que apareceram — seleccionados entre os mais felizes: «Comigo não se brinca», «Quem manda agora sou eu», «Peço a palavra!», «Não farei o que me pedem».

Do tipo objectivo também surgiram alguns títulos com possibilidades: «Caciques americanos», «Um senado por dentro», «Um político americano», «O escuteiro senador», «Um senador às direitas».

São de notar ainda três outros títulos, sugeridos pela recordação e comparação com outros três filmes de Frank Capra: «Verdadeira Vitória», «Um dia aconteceu» e «Não me levareis convosco».

Como vêem, os resultados do nosso concurso não podiam ser melhores — e êle ainda não acabou! Faltam já poucos dias para terminar o prazo para entrega das respostas — mas ainda estão a muito boas horas de ganhar os 500 escudos. A questão é aparecerem com uma boa ideia. Puxem pelo bestunto e percam o amor a dois tostões e meio! Pode ser um óptimo emprêgo de capital — o fósforo que gastarem a matutar no caso e os cobres que esportularem por um postal. E além disso há que não esquecer a honra de baptizar um filme de Capra!

O prazo para a entrega dos títulos propostos termina na próxima quinta-feira, 19, ao meio-dia. Lembrem-se de que os 500$00 só podem ser ganhos por quem concorrer!

Vamos ouvir PINOCCHIO e o SR. GRILO falar português!

O presente de Natal de «Rádio Filmes» aos meninos portugueses é a versão na nossa língua da obra-prima maravilhosa do grande Walt Disney



O Natal dêste ano deve ser, para os cinéfilos, um Natal sob todos os aspectos memorável. Também êles vão ter o seu presente. Bem sabemos que os leitores estão a pensar: que vão ter o número especial de Natal do «Animatógrafo». E' verdade. Mas há mais, ainda.

Todos os «meninos» e «meninas» das idades em que normalmente se vai ao cinema, isto é, dos 7 aos 70 anos, não terão vazio o sapato cinematográfico. Walt Disney, vai vestir a casaca encarnada, disfarçar-se com as barbas brancas de Pai-Natal e, por intermédio da R. K. O., apresentar em Portugal a versão falada em português de «Pinocchio». Sim senhores, nem mais nem menos!

O menino de madeira, o encantador «Pinocchio» que até a falar americano seria para os cinéfilos portugeses um grande brinde, será, depois de feito nosso compatriota, elevado à categoria de amigo inesquecível.

Vamos ouvi-lo a falar e a cantar na nossa língua e, por conseqüência, sentir mais profundamente as suas alegrias e os seus dramas. Vamos até escutá-lo a chamar pelo bom Gepetto, no fundo do mar, o que trará, para nós, esta interessantíssima novidade — ouvir pela primeira vez — falar português debaixo de água — milagre e novidade que só por si bastaria para aguardar, com invulgar interêsse a prenda de Walt Disney.

Mas há mais aspectos que será bom, não esquecer. João Honesto — como tantos honestos, só de nome — também terá que servir-se, nas suas falinhas doces e convincentes, das palavras — que já foram, tanta vez, utilizadas no nacional conto do vigário. Gato Palerma na sua categoria de assistente de aldrabão vai ser, talvez, ainda mais palerma porque, evidentemente, não é capaz de dizer mais nesta versão do que na outra, e perder uma oportunidade assim, a única que teria na sua vida, de falar português — é uma palermice sem nome.

E' certo que Cleo também não fala... A deliciosa e vaporosa «peixa» (porque diabo se havia de chamar peixe — à feminina e langorosa, Cleo?) contudo, vai pestanejar, abrir os véus, fechar os véus e beijar o nosso Gato. E um beijo da Cleo dado num ambiente em que tudo fala português vai parecer um beijo português dado por uma Cleo portuguesa o que é motivo evidente para ter mais inveja do felizardo Gato.

Não sei se os gatos americanos reagem e agem como os gatos portuguêses; o Gato de Walt Disney vai fazer o mesmo, agora transformado em português, do que já fêz quando era americano. Rigorosamente o mesmo porque a versão só difere no som. Mas há sons portugueses e americanos. Se notarmos alguma diferença depois diremos aos leitores — se os leitores não nos disserem antes.

Stromboli e o Cocheiro que já eram estrangeiros na versão americana, mais estrangeiros serão na portuguesa — porque não serão capazes de falar português, um português puro — sem o sotaque das figuras lendárias dos reinos maus — que o Cocheiro e Stromboli não serão capazes de perder.

Já o contrário se passa com Gepetto. E' verdade que nós não vimos na Exposição do Mundo Português um fabricante de bonecos de madeira, bonecos animados como «Pinocchio». Mas também não é menos verdade que Gepetto podia muito bem ser português. E esta naturalização que vai sofrer não lhe ficará nada mal. Mesmo nada mal. Gepetto é parecido com uma quantidade de avozinhos, de «tios» que nós conhecemos. E a atestar as suas qualidades de português lá está aquela prova tremenda, insofismável do seu talento de navegador e pescador — capaz de fazer carreira e vida até no estômago duma baleia.

Não nos admirava nada que Gepetto ficasse por cá, pela Nazaré, pela Ericeira ou qualquer outro centro piscatório.

De tudo quanto a versão portuguesa de «Pinocchio» nos vai dar uma só figura nos deixa perplexos, sem saber que pensar. E' o Melenas. Este rapazinho com a mania de imitar o Mickey Rooney e uma incógnita daquelas que não se resolvem do pé para a mão porque constitue um grande problema de psicologia. A falar americano não se podia avaliar bem, para dizer a verdade. Agora em português vai ser diferente; não é qualquer rapazinho português dos que fumam e jogam bilhar que consegue imitar o Mickey Rooney porque já teria sido contratado para qualquer fita nacional. E se não se disfarçar completamente atrás de Mickey Rooney — o Melenas vai revelar-se tal qual é: um rapaz que foi por maus caminhos e, como todos os meninos portugueses que vão por maus caminhos acabou em burro.

Guardamos de propósito para o fim o nosso Grilo. Consciência a quem foi dada a palavra na figura de Grilo-Homem, consciência de cartola e casaca, em americano não tinha nome a matar, mas tem em português um que lhe fica como luva: o sr. Grilo, não passa da alma errante do Conselheiro Acácio — de boa memória. Consciência que falava americano para muitos passou como uma consciência que como tôdas dizia muita coisa que não se percebia bem. Agora tudo vai mudar — um Grilo-Consciência que fale português é um grilo que todos vão entender e por conseqüência apreciar nos seus devidos méritos.

Em resumo: principalmente a prenda cinéfila da R. K. O. vai caracterizar-se por dar nova verdade ao «Pinocchio» (pois tôdas estas coisas em português aparecem sempre mais transparentes) e provar que em português também são possíveis coisas maravilhosas.

PEDRO HOMEM



NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

RENÉ CLAIR vai dirigir nos E. U. A. MARLÈNE DIETRICH

Mais uma notícia sensacional vamos hoje dar aos nossos leitores, uma novidade que certamente muito alegrará os admiradores portugueses de René Clair. Não há muito ainda que, de passagem para os Estados Unidos, o vimos hospedado num dos hoteis da Costa do Sol, sinceramente preocupado com o presente e o futuro do seu país, tal como com os destinos do cinema francês, que êle desde o tempo do mudo tanto ajudou a acreditar.

Na sua simplicidade, a notícia é esta — René Clair acaba de ser contratado pela Universal para a realização do novo filme de Marlene Dietrich!

O filme, que é o terceiro que para aquela empreza Marlene Dietrich interpreta, depois de «Cidade Turbulenta» (Destry Rides Again) e de «Seven Sinners», que foram dois grandes êxitos, intitula-se «The Countess of New Orleans», feito segundo um «scenário» do escritor hungaro Norman Krasna, autor igualmente do filme de Deanna Durbin «It's a Date». «A Condessa de Nova Orleans» terá a supervisão pessoal de Joe Pasternak, o director geral de produção daquela companhia.

René Clair, depois de durante dez anos ter regeitado as propostas dos produtores dos Estados Unidos, vai agora dar a sua contribuïção, sempre valiosa, ao cinema americano. Schertzinger, Ralph Murphy, San Wood, Louis King, Preston Sturges, H. Bruel, Humberstone, Lesley Selander, Mark Sandrich, Mitchell Leisen, James Hogan, Joseph Santley, Kurt Neumann, William A. Wellman, Henry Hathaway, etc.



RENÉ CLAIR visto por CHENAL

FITAS NA FORJA

● **Maisie Was a Lady**, com Ann Sothern, Lew Ayres, Mauren O'Sullivan, Pita Johnson, C. Aubrey Smith, Edward Ashley e Henry O'Neill. Realização de Edwin L. Marin. Metro Galdwyn Mayer.

● **I Wanted Wings**, com Brian Donlewy, Ray Milland, William Holden, Wayne Morris, Constance Moore, Phil Brown, Harry Davensport, Richard Webb, Herbert Rawlinson, Hedda Hoper, Richard Lane, Charles D. Brown, Alan Hale Jr. e Hobart Cavanaugh. Direcção de J. Theodore Reed. Paramount.

● **The Saint in Palm Springs**, com Georges Sanders, Wendy Barrie, Linda Hayes, Terry Belmont e Paul Guilfoyle. Realização de Jack Hively. R. K. O. (Rádio Filmes).

● **Cheers for Miss Bishop**, com Martha Scott, William Gargan, Edmund Gwenn, Sterling Holloway, Dorothy Peterson e Donald Douglas. Direcção de Tay Garnett. United Artists. (Sonoro Filmes).

● **Where did you get that girl?**, com Helen Parrish, Charles Lang, Leon Errol, Eddie Quilan, Joe Brown Jr., Tom Dugan, Wade Boteler, Franklin Pangborn, Franck Mitchell, George Lloyd, Tom Hanlon, Joe Cobb, Stanley Fields, Tim Ryan e Thurston Hall. Realização de Arthur Lubin. Universal. (Filmes Alcântara).

TÍTULOS ILUSTRADOS



«MAIS FORTE QUE A LEI»

(Desenho de LEMOS)

O elenco PARAMOUNT 1941

A Paramount, é uma das mais antigas emprezas produtoras americanas, fundada nos tempos heróicos em que o cinema dava os primeiros passos no caminho dos filmes de entrecho, por quatro nomes que hoje ainda matêm o prestígio de outrora — o produtor Jesse Lasky, hoje independente, Samuel Goldwyn, Adolph Zuckor, presentemente ainda à frente da sua companhia, e por Cecil B. De Mille, que, com pequenas passagens por outras emprezas, se mantém também desde 1914 ligado à Paramount.

Esta empreza deu agora conhecimento do seu elenco, de que fazem parte quer no que diz respeito aos artistas, quer aos realizadores, nomes de grande categoria.

Entre aquêles contam-se Charles Boyer, Joan Blondel, Jack Benny, Madeleine Carroll, Claudette Colbert, Jackie Cooper, Bing Crosby, Paulette Goddard, Allan Jones, Fred Mac Murray, Ellen Drew, William Boyd, Brian Donlevy, Betty Field, Joel Mac Crea, Ray Milland, Mary Martin, Dick Powell, Robert Preston, Melvyn Douglas, Frederic March, Barbara Stanwick, Basil Rathbone, Fred Allen, Dorothy Lamour, Preston Foster, Bob Hope, Patricia Morison, Richard Dix, Akim Tamiroff, John Howard, etc.

Para aparecerem também em um ou mais filmes, estão contratados pela Paramount, embora cedidos pela Fox e por Samuel Goldwyn, respectivamente, Don Ameche e Gary Cooper.

Dos realizadores trabalhando nos estúdios de Marathon Street contam-se Cecil B. De Mille, Victor

JEAN ARTHUR protagonista de «ARIZONA»

O novo filme da Columbia, de ambiente grandioso e de acção empolgante, que nos mostrará o empreendimento extraordinário com verdadeiros traços de epopeia que foi a conquista e o povoamento do Arizona, em pleno oeste americano, pelos pioneiros de 1890 em guerra aberta contra os índios e contra os bandoleiros que infestavam a região, intitula-se «Arizona» e o seu custo eleva-se a 2 milhões de dólares!

O filme, que nos porá em contacto com uma tempestuosa história de amor e nos pintará o drama duma época tumultuosa é interpretado por Jean Arthur, por William Holden, Warren William, Porter Hall, rodeados por uma multidão de 2.500 figurantes. «Arizona» foi realizado por Wesley Ruggles.

IRENE DUNNE emparceira de novo com CARY GRANT

Irene Dunne, a simpática e talentosa actriz, e o magnífico actor que é Cary Grant vão, uma vez mais, aparecer juntos num filme.

Depois de «Com a Verdade me Enganas» e «Minha Mulher Favorita», que Lisboa acaba de ver, Irene e Cary vão interpretar para a Columbia, o filme que a Aliança apresentará em Portugal «Penny Serenade», dirigido por Georges Stevens, e em que aparecerão também Edgar Buchanan, Ann Doran, Beryl Vaughan e Ben Taggert, nomes novos que estão agora aparecendo com certa freqüência nos filmes americanos.

KORDA vai dirigir «LADY HAMILTON»

Depois de uma ausência de perto de doze anos, Alexander Korda vai fazer a sua reentrada nos estúdios americanos.

Korda, cujos estúdios londrinos de Denham a guerra paralizou, está dirigindo para a United Artists de que é importante accionista, uma nova versão de «Lady Hamilton», a história romântica dos amores de Nelson e da mulher de Alexander Hamilton.

Esta nova versão — a terceira, contando com a alemã, dirigida por Richard Oswald em 1924 e interpretada por Liane Haid e Conrad Veidt, e com a americana, realizada por Frank Lloyd, de que Corinne Griffith e Victor Varconi foram os protagonistas — é feita sôbre um argumento de Walter Keish, o conhecido «scenarista» alemão, e de R. C. Sheriff, e é interpretada por um notabilíssimo grupo de intérpretes. Entre êles contam-se Vivian Leigh, a triunfadora de «Gone With The Wind», Laurence Oliver, o extraordinário Heathcliff do «Monte dos Vendavais», Alan Mowbray, Sarah Smith, Ronald Sinclair, Louis Alberni, Norma Drury, Martha Scott, C. Aubrey Smith, Georges Renavent, Gladys Cooper e Victor Varconi, que foi o Nelson da versão americana de 1928.

Êste espectaculoso filme da United Artists, representada entre nós pela Sonoro Filmes, é um dos de maior categoria do programa dêste ano daquela casa.

ALAN DWAN é o realizador de «Vigilants»

Allan Dwan, que foi um dos realizadores mais categorizados do cinema de há uns vinte anos — foi êle o encenador da grande maioria dos filmes do saüdoso Douglas, incluindo o célebre «Robin dos Bosques», de que a S. I. F. nos vai agora apresentar a versão sonora — em determinada altura deixou de ter o seu nome anotado nos «écrans» dos cinemas.

Êsse esquecimento foi agora, porém, reparado, pois Allan Dwan voltou agora à sua cadeira de realizador de mérito. Foi a Universal, a companhia que os Filmes Alcântara representam entre nós, que lhe deu essa oportunidade, confiando-lhe uma das suas produções de maior responsabilidade, «The Trail of The Vigilantes», de que já falámos a propósito da reentrada de Franchot Tone no cinema.

Esperamos, temos disso uma quási certeza, que Allan Dwan não desmerecerá da confiança nêle tão galhardamente depositada pelos dirigentes da Universal.

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que nêles merece atenção especial.

«HOMENS SEM CORAÇÃO» (Aliança Filmes).
— **O côro dos prêsos com o aparelho de rádio.**

«MOCIDADE EM FUGA» — (Youth takes a Fling») Filmes Alcântara.
— **A qualidade da fotografia devida a RUDY MATE.**
— **A originalidade das legendas de apresentação.**
— **A interpretação de FRANK JENKS.**

«MAIS FORTE QUE A LEI» (Aliança Filmes).
— **A orquestra de ANDRÉ KOSTELANETZ e a voz de TONY MARTIN.**

«NICK E ESPÔSA, DETECTIVES» (Another Thin Man).
— **As interpretações de WILLIAM POWELL, MIRNA LOY, ASTA e OTTO KRUGGER.**
— **A creação dos bailarinos RENÉ e STELLA na rumba.**
— **O truque que faz disparar a pistola com um curto circuito pela originalidade.**

«O FEITICEIRO DE OZ» (M. G. M.).
— **A ideia, a concepção, a realização e a interpretação de todo o filme, merecendo particular relêvo:**
— **o desempenho de BERT LAHR (o Leão Medroso), de RAY BOLGER (o Espantalho) e de JUDY GARLAND (Dorothy) ;**
— **a fotografia, colorida ou não, de HAROLD ROSSON;**
— **a direcção musical de HERBERT STOTHART;**
— **as caracterizações de JACK DAWN, os cenários de CEDDRIC GIBBONS, e as trucagens de A. GILLSPIE.**

«SOMBRAS DA RUA» (Radio Filmes).
— **O carácter de autenticidade dado por GREGORY LA CAVA à sua encenação.**
— **A utilização do som como elemento dramático.**
— **O desempenho de GINGER ROGERS (Ellie May), de QUEENIE VASSAR (a avó) e MILES MANDER (o pai).**
— **Os bons momentos da fotografia de JOSEPH AUGUST.**

«VIAGEM SEM VOLTA» (One Way Ticket).
— **As criações de LLOYD NOLAN e WALTER CONNOLLY.**
— **As direcções das cenas finais do filme (o cêrco policial).**

«SOMBRAS DA RUA»

(Primrose Path)

Gregory La Cava disfruta em Hollywood duma situação completamente àparte, pois é dos poucos realizadores que conseguiu tornar-se também produtor, o que lhe permite fazer exactamente o que quere. Assim se explica a produção desta obra tão nitidamente fora da série. Êsse caracter de excepção deriva em especial do tema tratado pelo argumento — uma história de áspero realismo, arrancada a certos aspectos desoladores da vida. La Cava porém, não tem nada de um «naturalista», e por isso o filme contém uma verdadeira lição de optimismo, que é consubstanciada na figura de Ellie May, a protagonista — uma rapariga que consegue manter-se pura no meio da lama, por forma talvez um tanto inacreditável. Mas está aí a justificação do filme, isto é, se não existisse aquela intenção e essa figura não teria valido a pena fazer uma fita de semelhante história. E' esta a diferença fundamental que separa êste filme de certos outros — por exemplo, da «Fera Humana», que era a adaptação de um romance do naturalista Zola.

A encenação de Gregory La Cava distingue-se por um cunho de *autenticidade* que sai completamente dos moldes habituais e que supomos deverá agradar em cheio a Jean Renoir, seu defensor encartado. Verifica-se por vários aspectos da realização que êsse caracter de autenticidade foi deliberadamente procurado: basta citar o facto de terem sido filmadas ao ar livre muitas das cênas localizadas pela planificação no exterior. Por exemplo: os episódios passados na estrada e na praia, os diálogos junto do barco de Ed, etc.

Voltam a encontrar-se nêste filme as mesmas qualidades e características que sempre distinguiram as realizações de La Cava — um homem que só sabe fazer filmes fora do vulgar: segurança de direcção dos intérpretes, excelente marcação das figuras, notável pertinácia de efeitos, obtida sempre com os meios mais simples e mais puros, objectividade total e impiedosa na apresentação de certas personagens; além disto, La Cava continua a não se esquecer do que deve ser o cinema sonoro e por isso mais uma vez se serviu hàbilmente do som como elemento dramático: quem *ouviu* o filme de-certo reparou como foram utilizados o ruído da motocicleta de Ed Wallace (Joel Mc Crea) e o silvo angustiante de um combóio que passa ao longe, no negrume da noite.

O filme acusa também a «precipitação» característica do estilo de La Cava, que é de-certo intencional mas que não deixa por isso de ser discutível.

Alguns momentos da película têm direito a ser salientados, pelo seu quilate cinematográfico e pelo tom de espontaneidade e sinceridade que nêles encontramos; referimo-nos ao diálogo na estrada entre Ellie May e o velho Gramp, dono do restaurante — à cêna na praia, quando Ellie May e Ed procuram ameijoas — à correria na motocicleta — e a êsses dois momentos adoráveis que se passam junto do barco: quando Ed deixa ver a Ellie May o nome que pintou na pôpa da embarcação (como Ginger Rogers mostra quanto essa revelação sensibiliza a pobre Ellie May!) — e a cêna dos beijos por baixo do barco, maravilhosa de naturalidade.

Ginger Rogers — desta vez totalmente divorciada da sua cabeleira loira e da fantasia doirada em que nos habituámos a vê-la na série das suas comédias musicais — desempenha o seu papel com a inteligência, a sensibilidade e a naturalidade de sempre.

Há na sua interpretação coisas verdadeiramente preciosas, como êsse momento que citámos acima ou como as suas atitudes nas primeiras cênas do filme. Todos os outros intérpretes, muito bem, merecendo referência especial Miles Mander (num intelectual caído na mais miserável abdicação) Marjorie Rambeau (Mamie Adams), e Queenie Vassar, que compõe um tipo inesquecível na velhota cínica, egoista e amoral.

A fotografia, de Joseph August, é excelente, pela qualidade intrínseca e pela justa adaptação ao caracter das várias cênas. O estado lamentável da cópia exibida diminuiu porém tudo isto, em muitos momentos. Não se compreende que um laboratório deixe uma película naquêle preparo, inclusivamente cheia de manchas de óleo. — *D. M.*

«NICK E ESPOSA DETECTIVES»

«Another thin man»

Nick personagem célebre criada por William Powell numa inesquecível comédia policial que Van Dyke dirigiu, voltou pela segunda vez á tela, com sua espôsa Nora, (Mirna Loy) e seu cão Asta — e, ainda, com um bébé, seu filho, a acrescentar a família.

Como já em anteriores fitas desta família detectivesca — origem de tantas famílias com a mesma mania — voltamos a assistir ao permanente humor com que marido e mulher encaram as mais diversas situações e a sua mutua e inabalável confiança, o amor do Whisky do chefe, e a constante preocupação de o «proteger» que tem a respectiva cara metade.

A acção policial assenta num bem engendrado processo de cometer um crime e tem momentos curiosos; todavia, afasta-se dos bons «clássicos» das histórias de crime pois a necessidade de esconder os culpados levou os argumentistas a criarem uma série grande de complicações e a solucionar o caso com uma dedução em que a quási totalidade dos elementos não tinham estado efectivamente presentes.

Quanto a nós, no entanto, a acção policial e só um pretexto para apresentar a vida familiar de Nick, Nora, Asta e a curiosa e variada galeria de amigos que sempre apresentam. Aí Powell, Mirna Loy e o realizador Van Dyke conseguem magníficos momentos dignos de enfileirar junto de outros de obras anteriores — pela graça e subtileza da sátira e da interpretação.

E a propósito de subtileza apontemos dois casos ainda, em que, nesta produção ela se apresenta Um — a interpretação que Otto Kruger dá ao seu inspector Van com inflexos e olhares que são uma notável sátira ao tipo convencional do detective «entendido» que usa o «processo psicológico». Outro, dum, género totalmente afastado — a rumba que René e Stella dois assombrosos bailarinos negros — dançam no club de Cuba e que é uma primorosa interpretação, cheia de sobriedade e delicadeza; dois bailarinos negros a dançar uma dança que vulgarmente é agitada e provocante acham uma solução de marcações a movimentos que pela beleza e novidade é surpreendente — *F. G.*

«O FEITICEIRO DE OZ»

«The wizard of Oz»

Pode-se resumir numa só palavra a impressão que nos causou «O Feiticeiro de Oz»: Deslumbramento!

Deslumbrou-nos em primeiro lugar a fantasia da obra em todos os seus aspectos: concepção geral (e disso é responsável L. Frank Baum, autor do livro), solução de todos os pormenores, encenação, interpretação, musica — tudo, enfim, foi focado pela varinha mágica da boa Fada Fantasia, essa feiticeira sem par que torna a vida suportável, neste Mundo de sofrimento, de misérias, de cavalheiros gordos e prosáicos, de notas de banco de almoços e jantares, de mercearias e de farmácias! Portanto, acima de tudo, deslumbrou-nos a grande parada de imaginação e poesia que o filme constitue.

Depois deslumbrou-nos a fantasmagória das côres, a festa maravilhosa da luz na sua decomposição cromática. O filme se fôsse a preto e branco seria funebre! Por isso foi acertadíssimo dar o prólogo e o final em sépia — e que sépia! Deslumbrou-nos a seguir a coragem do produtor Melvyn Le Roy e da M. G. M. por terem arriscado o melhor de noventa mil contos no «fantástico» — incrível emprêgo de capital, espantosa atitude de poetas!

Deslumbrou-nos também a grandeza, a audácia, a traça felicíssima dos cenários, que Ceddric Gibbons desenhou. Deslumbrou-nos ainda a mestria das caracterizações, duma simplicidade e habilidade insuperáveis (bravo, sr. Jack Dawn!), a perfeição surpreendente da trucagem a interpretação magnífica dos actores, a segurança admirável da realização cinematográfica, que foi assegurada por Victor Fleming — deslumbrou-nos tudo afinal.

Há cousas no filme verdadeiramente extraordinárias, quer no capítulo concepção, quer no aspecto realização. Citar todas é impossível; por isso apontaremos apenas as mais salientes. Assim: o formidável achado que constitue a solução encontrada para certas figuras, principalmente para o Espantalho, para o Homem de Lata e para o Leão Medroso (que Ray Bolger, Jack Haley e Bert Lahr encarnam respectivamente com a mais acabada compreensão do burlesco); a filosofia final do Feiticeiro de Oz e as fórmulas com que satisfaz os desejos dos três «impetrantes»; a pureza de encenação de todo o prólogo; a filmagem e montagem da cena do ciclone; a direcção musical de Herbert Stothart, justamente premiada pela Academia de Hollywood; a idea do silêncio total depois da sarabanda alucinante do tufão; a composição cénica — cenários, bailados (de Bobby Connolly), figurinos (de Adrian), canções — dos episódios passados no reino dos anões, especialmente a partida pela Estrada Amarela; o apuro da fotografia colorida ou não, de Harold Rosson; a graça, a voz e o talento de Judy Garland; o acêrto e o espírito com que foram resolvidos certos pormenores, como o encontro de Dorothy com o Espantalho, o «desenferrujamento» do Homem de Lata, o verão sôbre o campo de papoilas, a materialização das macieiras falantes, a morte por evaporação da Fada Má, etc., etc., etc. — e etc. ainda!

Acima de tudo, porém, o publico deve procurar compreender interessar-se, *evadir-se* com a fantasia intrínseca, essencial, da obra — pois é ela a verdadeira protagonista do espectáculo, a grande fada dêste grande conto de fadas!

Merece referência especial o desenho-animado de Hugh Harman, admirável *charge* á espantosa orquestra de gaitas de beiços de Borrah Minevitch.

que vimos já em vários filmes da Fox, nomeadamente na «Rainha do Patim». — D. M.

«VIAGEM SEM VOLTA»

«One way ticket»

Os filmes que abordam casos de prisioneiros e vida das prisões parecem já não ter possibilidades de mostrar coisas novas. Dentro, porém, do conhecido e explorado que tem o tema, êste filme consegue alguma coisa de curioso. Desta vez é a filha do comandante da prisão que se apaixona por um prisioneiro evidente «de bons sentimentos» e, depois de o ter feito seu jardineiro, lhe dá a fuga e se casa com êle. Fugidos, quando numa pequena cidade tentam juntar dinheiro para poderem abalar para a América do Sul são descobertos pelos investigadores, chefiados pelo próprio pai da rapariga A casa é assaltada. E esta desgraça vem precisamente no momento em que um trabalho arrojado tinha dado ao rapaz o dinheiro de que precisavam para conquistar a liberdade. Os momentos de espectativa e em seguida de luta entre os dois esposos, que não concordam na atitude com que devem enfrentar a situação, são excepcionalmente conduzidos, contados com uma técnica sóbria mas muito eficaz de encenação e montagem.

Esta explicação é indispensável Lloyd Nolan e Walter Connolly, dois actores de categoria, dão aos seus papéis uma sóbria interpretação, ambos com vigor, embora de marcas diferentes.

Todo o filme, que é duma maneira geral bem feito é, no entanto, prejudicado pela antiguidade que, por vezes, é muito sensível, mais, apesar de tudo, nos fatos e arranjos das personagens do que no pormenor técnico em si. F. C.

«MAIS FORTE QUE A LEI»

Tony Martin (não confundir com Nino Martini...) é um cantor de «rádio» de nomeada e foi o feliz marido de Alice Faye até há pouco tempo. E' a sua voz agradável o principal atractivo dêste filme em que há uma menina, que vive num excêntrico bairro de emigrados, indecisa entre o casamento com um milionário ou um rapaz pobre que tem como única fortuna a sua garganta.

O amor triunfa gloriosamente. O cantor é o eleito do seu coração e o parzinho abraça-se após uma emissão de «rádio» em que temos o prazer de ouvir a orquestra de André Kostelanetz na interpretação originalíssima da famosa música brasileira «No tabuleiro da baianas. Só por isso—aconselhamos a visão do filme. — A. F.

«HOMENS SEM CORAÇÃO»

«Men without souls»

O nivel técnico da produção americana corrente é sempre perfeito. Já se tornou até em lugar-comum fazer esta afirmação nas criticas. Mas é indispensável para as referências áquelas fitas que saiem de Hollywood com o destino marcado de preencher o espectáculo dos cinemas sem preocupações de mais largos vôos. A gente assiste á exibição do filme, distrai-se com a anedocta exposta em imagens com clareza e valorizada sempre por um bom conjunto de intérpretes — e depois de sair do cinema... «não se pensa mais nisso».

para nos referirmos á fita «Homens sem coração». O assunto pode não ser novo, mas a técnica salva-o e dá-lhe categoria de espectáculo que entretem, que agrada, e não se discute. E 'mais um caso passado nas prisões norte-americanas. Há presos insubordinados, ambientes angustiosos e um sacerdote devotado inteiramente ao seu dever que tenta melhorar a vida dos criminosos da prisão.

Da realização de Nick Grinde, aponta-se um momento que sai da toada normal — o côro dos presos quando o padre lhes oferece música através do aparelho portátil de rádio. Do desempenho, salientam-se Barton Mac Lane e John Lytel. Rochelle Hudson (por sinal a única mulher que aparece no filme) intervem apenas numa ou duas cenas.— A. F.

«MOCIDADE EM FUGA»

«You th take a fling»

Um rapaz passa a vida a sonhar com a vida marítima: quere correr mares, andar embarcado fazer cálculos com o sextante, tratar as estrêlas por tu e conhecer todos os portos do mundo. Uma rapariga vê o rapaz e acha que é êle o homem por quem o coração espera; mostra-lhe os dotes de cozinheira, oferece-lhe prendas, tenta convencê-lo de que o amor tem algo de fatalidade - de que quando se gosta a valer faz-se brotar o amor nem que seja duma pedra. O rapaz apaixona-se mas não se quere convencer. E' um dia para fugir a tentações e ficar sempre fiel ao Mar consegue embarcar. Embarca mas enjôa de tal maneira que é forçado a reconsiderar e a considerar o amor da rapariga como indispensável.

O rapaz é Joel Mac Crea: a rapariga Andrea Leeds.

A história que não é muito rica não oferece margem para grandes vôos Archie Mayo, que a realizou, consegue, no entanto, dar ás cenas finais, certo interêsse e ritmo. Desde que o nosso «marinheiro» resolve fugir á viva fôrça do amor até que, depois do primeiro ensaio aquático, se convence que o seu estomago pede só os bons petiscos matrimoniais e não as convulsões do enjôo a acção desenvolve-se com graça e boa técnica.

No conjunto da interpretação merece uma referência especial Frank Jénks — o «chauffeur» de «100 Homens e Uma Rapariga» lembram-se ? — que mais uma vez apesar da banalidade do papel revela as suas magníficas qualidades de intérprete.

A originalidade das legendas de abertura num capitulo em que ser original se vai tornando tão difícil quanto é fácil cair no pretensioso, é também digna de aplauso.

Toda a história é servida por magnífica fotografia, invulgarmente bem doseada e apropriada consoante a índole das cenas, mas notável sobretudo nas cenas do pôrto. Infelizmente não fixamos o nome do fotógrafo que a assina, do que pedimos desculpa aos nossos leitores — F. G.

«O Correio de Bel-Tenebroso»

AMIGO N.º 1 DO ANIMATÓGRAFO. — Evidentemente que o facto do nosso camarada de redacção ter feito o elogio da fantasia, não o inibe de apreciar aqueles filmes humanos, de classe incontestável. Mesmo os que são românticos e até certo ponto convencionais, como *Intermezzo*, quando se impõe pela sua superior expressão cinematográfica, convencem os mais cépticos, quanto mais não seja como obras de arte. Nisto de cinema, de facto, há preferências que são como que uma questão de paladar. Se eu preferir peixe, por exemplo, o facto não me impede de amanhã me banquetear com um bom bife... E vice-versa... a comparação pode ser prosaica e materialista em demasia, mas no entanto não deixa de ser sugestiva, que é afinal o que se pretende... Sem ser irreverente, poderia também parafrasear um ditado célebre: «o público come todos os géneros, o caso é saberem dar-lhos»...

ARMANDO PEREIRA. — Julguei a princípio, ao ver a tua assinatura, estar em presença do decano dos jornalistas cinematográficos portugueses, se bem que a omissão de Alberto central fôsse suspeita... Mas a verdade é que me falas noutros filmes, que não pertenciam à programação da Columbia, e isso é indicação segura de que não és quem eu pensava. Mas não temas, amigo, pela desilusão... Cá estou pronto a informar-te gostosamente e a dissipar tôdas as tuas dúvidas, se a tanto me ajudar o engenho e a arte! — Não tenho nenhuma indicação segura quanto à estreia de *Pôrto de Abrigo*. Mas tudo indica que seja ainda em 1940. — Escreve à Deanna Durbin para Universal Pictures, Universal City, Califórnia. — Qual é o próximo filme de Shirley Temple? Se calhar, nem ela sabe... Fala-se em que a Fox rescindiu o respectivo contrato, que os pais da vedeta a não deixam trabalhar, etc. No entanto, julgo não haver, por ora, nada de positivo.

ANTÓNIO FERNANDO DE MATOS MARELHÃO. — A intérprete de *As Férias da Família Hardy* a que te referes é a Eleanor Lynn.

PRÍNCIPE MIKAIL. — Cá ficas inscrito, no número dos meus leitores. — O Director de *Animatógrafo* e os seus colaboradores agradecem as saüdações amigas. — Transmiti as tuas sugestões e pedidos. Estou certo, de que, com o andar do tempo, umas e outros serão satisfeitos.

ETERNO GAROTO. — *Animatógrafo* deve ser considerado quási como um milagre de boa vontade. Numa altura em que as revistas existentes lutam com sérias dificuldades para se manter, lançar no mercado uma publicação das proporções da nossa é um verdadeiro acto de audácia. Ainda bem que tu assim compreendeste os factos. Todos nós gostaríamos de lhe dar, nas páginas interiores, papel melhor. Mas tenham a certeza de que, logo que as circunstâncias estranhas à nossa vontade, (que até agora impediram de o fazer) o permitam, *Animatógrafo* corresponderá a êsses bons desejos. — Danielle Darrieux, actualmente, encontra-se em França. A simpática intérprete de *Abuso de Confiança* tem um contrato para a R. K. O. mas, até agora, ainda o não pôde cumprir, porque está ligada a outro contrato com um produtor francês. — Charles Trenet, ao contrário do que os jornais franceses e portugueses noticiaram, não morreu. — Transmitirei à Administração o teu reparo referente à tardia chegada de *Animatógrafo* a essa vila. —*Uma Garota sem Importância*, já me escreveu, sim senhor. E gostei muito de tornar a ler uma carta dela. E', na realidade, uma rapariga extremamente simpática.

GARY COOPER EM ERMEZINDE. — Transmiti ao Director de *Animatógrafo* a tua carta. — Tenho o maior prazer em conversar contigo. Espero pois que me escrevas. — Êste leitor pede-me que saúde todos os con-

Mais uma vez damos duas páginas a esta secção, para avançar, na medida do possível, as respostas aos nossos consulentes

sulentes de *Bel-Tenebroso* e, «nomeadamente, a gentilíssima *Pally*».

BENJAMINA. — Quando quizer ocupar o lugar de minha secretária, não tem outra coisa a fazer que não seja apresentar-se ao serviço. A sua letra é ideal, para as «linotipes». Outro tanto se pudesse dizer da minha!... — O seu depoimento para o inquérito das *Mulheres (V., para disfarçar, pô-lo na bôca duma sua amiga)* tem graça na verdade. Mas V. não pode saber como os homens «sentem» determinadas situações. Daí, atirar-se a êles, e falar da «mão direita» e da «esquerda», como se elas, alguma vez, pudessem estar em equação, no nosso conceito. No entanto, compreendo o seu desabafo... Foi pena, na realidade, que o Carvalho Nunes não tivesse batido à porta. O depoimento seria «a sensation»... — Transmito os seus cumprimentos a *Donalda*, «por estar sempre às bicadas a mim, para *disfarçar*...» — *Benjamina* retribui, os cumprimentos de *Deram-lhe uma espingarda* e lamenta não poder corresponder-se com *Exilado do Mondego*, mas o noivo é muito ciumento e não a deixa trocar correspondência com ourta pessoa a não ser comigo, e isto porque sou invisível, imaterial e «inflamável...

BALALAIKA. — Não esperava encontrar sob tão harmónico pseudónimo a minha gentilíssima leitora de outros tempos, que se assinava *Uma Admiradora de Dick Powel!* Tive pois uma grande alegria em tornar a ler-te. — Transmito a *I love Shirley Temple* o teu brado de «Presentes! Como poderia ser de outro modo?! Tu nunca poderás faltar... — Aqui deixo a pregunta endereçada ao leitor de Coimbra: *Balalaika* queria saber se recebeu o postal que ela lhe enviou, por intermédio de *Cine-Jornal*? — Transmito a *I love Shirley Temple* e a *Deram-lhe uma Espingarda* os teus cumprimentos e saüdações. — Escreve muitas vezes, e não tenhas o receio de maçar...

UMA GAROTA SEM IMPORTANCIA. — Nada em ti mudou, na realidade! Salvo a côr da tinta, que agora é verde, como os olhos da Marianita, da quadra popular, que como sabes «são verdes côr de limão». — Não posso ceder ao teu pedido, referente à minha identidade. Altos mistérios do Invisível!... — Mas um dia, no «tal» dia, o saberás... — Gostaste de João Ratão, pelo que me dizes. Ainda bem. E' sempre um prazer ouvir dizer bem dos filmes nacionais. — Não gostas de Charles Boyer?!... Não és da opinião de Pat Patterson... — Brevemente terás no *Animatógrafo* a foto de Gable, por que anseias. — «Havemos de conversar, um dia, sôbre zer bem dos filmes nacionais. — Não parte *O. K. With Me*. — Esta leitora agradece e retribui as saüdações amigas de *Deram-lhe uma Espingarda*.

CAVALEIRO DE CAPESTANT. — Com todo o prazer, cá estou a receber-te do alto do assento etéreo onde subi... — Podes escrever a Deanna Durbin para Universal Studios, Universal City, Califórnia. Deanna costuma mandar retratos aos seus admiradores. — Escreve a Linda Miranda e a Madalena Sotto, por intermédio de *Animatógrafo*. Nós faremos chegar as cartas às suas mãos.

M. E. C. A. — Registo o teu aplauso à doutrina do artigo «Não tenham mêdo de ser cinéfilos», de António Lopes Ribeiro. Não pode ser outra, aliás, a atitude dos verdadeiros amigos do cinema. — A época cinematográfica que está decorrendo ficará, sem dúvida, como uma das mais notáveis dos últimos anos. E se nos lembrarmos de que o mundo está em guerra, é caso para a recebermos como uma benção dos Deuses. — Escreve à Joan Bennett para United Artists Studios, 1040 Formose Avenue, Hollywood, Califórnia; a Marlene Dietrich, para Universal Studios, Universal City, Califórnia; a Virginia Bruce, para Metro-Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — E' melhor aguardar a oportunidade de poderes escrever, com possibilidade de êxito, às vedetas francesas.

DEANNÉFILO. — Permite-me que discorde da grafia do teu prseudónimo. A meu ver, deverá ser *Deannáfilo* (philo = amigo de), ou, se queres, por que está mais no ouvido *Deannófilo*. *Deannéfilo* é que me não sôa bem. Só se queres rimar com *cinéfilo!* — Vv., aí no Pôrto, podem considerar-se uns felizardos: já viram a Deanna, no *1.º Amor de Gata Borralheira*. Quando o filme passar em Lisboa te direi o que penso dêle. Dela já tu sabes... — Ignoro se veremos em Portugal algum filme brasileiro. O primeiro filme de Judy Garland foi *Todos os Domingos*, com a Deanna

O QUE QUERE CANTAR...

BEL-TENEBROSO não pode receber pedidos e ficar indiferente. Há semanas já que choviam cartas pedindo letras de canções de filmes, vindas de tôda a parte e assinadas por leitoras e leitores do «Animatógrafo». O nosso colaborador não parou. Até que resolveu o caso, e aqui apresenta hoje os primeiros resultados, aproveitando a oportunidade para pedir a todos os leitores que saibam letras de filmes o favor de lhas enviar... para outros cantarem — se quiserem, evidentemente!

CANÇÕES DO FILME «IDILIO MUSICAL»

Don't monkey with Broadway

Glorify Sixty Avenue
And put bathrooms in the zoo
But please, don't monkey with Broadway!
Put big flood lights in the park
And put Harlem in the dark
But please, don't monkey with Broadway
Though it's tawdry and plain
It's a lovely old lane
Full of landmarks galore
And memories gay
So move Grant's tomb to Union Square
And put Brooklyn anywhere
But please, please
I beg on my knees,
Don't monkey with old Broadway!

I am the captain of this boat

I am the captain of this boat
She's my concern, from stem to stern.
I am the skipper of this yacht
What it entails, with its sails, I've got.
So if you'll only be my crew
We'll sail across the bounding blue
And under the stars we will sleep.
Rocked in the cradle
Rocked in the cradle of...
Rocked in the cradle of the deep!

Between you and me

Between you and me, you're something spectacular.
Between you and me, you're a prize.
Between you and me, to use the vernacular
You've got what they call «oomph» in your eyes!
Till I make you mine,
Your heart I'll bombard to get
No matter how hard to get it may be
So why not combine,
And chuck the formality
Between love and between you and me!

I've got my eyes on you

I've got my eyes on you,
So best beware where you roam
I've got my eyes on you
So don't stray too far from home.
Incidentally, I've set my spies on you.
I'm checking on all you do from A to Z.
So, darling, just be wise
And keep your eyes on me.

Begin the Beguine

When they begin the Beguine
It brings back the sound of music so tender,
It brings back a night of tropical splendour,
It brings back a memory ever green.
To live it again, is past all endeavor,
Except when that time clutches my heart...
And threre we are, swearing to love forever
And promising never, never to part.
What moment divine, what rapture serene?
Till clouds came along to disperse
The joys we had tasted.
And now when I hear people curse the chance that (was wasted
I know but too well, what they mean
So don't let them begin the Beguin!

«O Correio de Bel-Tenebroso»

Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA.

Durbin, um *short* em 2 partes. A Metro ficou com a Judy, e «deitou fora» a Deanna. Hoje está arrependidíssima de não ter ficado com as duas... — Obrigado pela actividade que me dizes estar desenvolvendo, no sentido de divulgares *Animatógrafo* entre as pessoas das tuas relações.

GRANDE AMOROSA. — O teu pseudónimo deixou-me assombrado! Breve verás Tyrone Power na separata de *Animatógrafo*.

RENE'. — Muito simpática a sua carta. Agradècemos-lhe as suas boas palavras. — O seu desejo já foi satisfeito. Espero que a Alyce Faye que publicámos a tenha entusiasmado.

HERMES. — Estou muito satisfeito com o facto de *Animatógrafo* te continuar a agradar, da primeira à última página. De resto, essa é a opinião de todos os outros leitores. — *Pinocchio*, tècnicamente, é muito superior a *Branca de Neve*. Mas, como espectáculo, entre os dois filmes, prefiro o ultimo. Estamos de acôrdo, como vês! — Entre o cinema francês e o americano, eu tenho uma opinião muito pessoal, que não quero, de modo algum, que Vv. perfilhem: entre um bom filme francês e um filme americano regular, prefiro o último. Porquê?! Teria muito que te dizer, e o espaço não chega. «Mas «a bon entendeur» ..

DUQUE DE WEST POINT. — Muito gôsto em reler-te! Arquivo os teus desejos de que *Animatógrafo* tenha uma vida tão longa, «que possas ainda assiná-lo, quando os teus netos forem uns homensinhos»... — Além de *Pinocchio*, *O Monte dos Vendavais* e *A Verdadeira Glória*, que me dizes não ter visto, não sei de nenhum outro aconselhável, na presente temporada, e anteriormente à publicação de *Animatógrafo*. Dos que vieram após esta data, não falo, pois que a crítica da nossa revista é quanto te basta para que te possas orientar. — Como terás ensejo de comprovar, as respostas não demoram tanto tempo, como dantes.

?. — A tua carta deu-me muita alegria. Conheço a letra lindamente, mas não estou bem certo no teu pseudónimo. Para comprovar se me enganei ou não, teria que percorrer a correspondência do *Cine*, o que me iria ocupar muito tempo. Prefiro, pois, que me tornes a escrever, aí do Pôrto, no mesmo papel azul, lavrado, e que ponhas por baixo o teu pseudónimo, para ver se eu, como espero, identifiquei, na realidade, a tua letra. Valeu?!

MR. SATANAZ, REPORTER FANTASMA. — O teu pseudónimo parece o título dum filme em séries, de 1916... — Julgavas, então, que *Bel-Tenebroso*, houvesse morrido. Que desconsôlo, amigo. E eu que me supunha imortal!... — Seja como fôr, aqui me tens, pronto a responder-vos. Agora, fantasma amigo, não te demores a escrever-me.

UM LOUCO SONHADOR. — Hello, boy! «Que impressão me deixou a tua primeira carta?» Uma impressão cem por cento desvanecedora. Durante muitos dias, não pensei noutra coisa!... — Não creio nessa apregoada rivalidade de Crawford e de Norma Shearer. Acho-a «cantada» de mais, para ser verdadeira. — Para obteres uma foto da Rosalind Russell «deverás actuar» (*sirvo-me da tua pitoresca expressão*) da seguinte maneira: escreves-lhe para a Metro-Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia, e dizes-lhe, em português, pouco mais ou menos isto: «Menina Rosalind: gosto muito de si. Quererá fazer feliz êste seu admirador, enviando-lhe a sua foto autografada?». Mas não assines *Um Louco Sonhador*, que ela pode assustar-se...

O APAIXONADO N.º 1 DE DEANNA DURBIN. — Procuraremos publicar a foto da artista de que te consideras o «apaixonado n.º 1». Pelo que vejo, não tens a mania das grandezas... eu considero-me o apaixonado n.º 576.754, do sexto milhão, na Legião dos seus admiradores... — As condições de assinatura da nossa revista encontram-se patentes na primeira página da mesma.

MICKEY ROONETE. — Escreve a Elisa Carreira e a Maria da Graça, por intermédio de *Animatógrafo*. A nossa revista dará os passos precisos para que as cartas dos seus leitores cheguem às mãos dos destinatários. — Quanto à foto da Deanna deves dirigir-te, directamente, a Filmes Alcântara Ld., Cinema Odeón, Lisboa.

TONY. — São judiciosas as tuas impressões sôbre os três filmes, recem-estreados no Pôrto, a que te referes: *Intermezzo*, *O Primeiro Amor de Gata Borralheira* e *Inimigo Invisível*. — Já sabia que a Deanna Durban festejou no dia 4 do corrente mês os seus 18 anos. Recebi uma carta dela, a convidar-me para passar êsse dia na sua companhia. Mas, infelizmente, não pude aceder ao amável convite. Ela foi tão simpática, coitada, que me disse que fugiria de Hollywood, para irmos os dois, sós, passar o dia na Praia de Santa Mónica, que, como sabes, é a Caparica daquelas regiões... — Ignoro a razão porque os documentários a que te referes não foram ainda exibidos aí no Pôrto. — Raúl Faria da Fonseca aguarda a oportunidade de poder realizar *Planalto*. — O filme de Capra, *Mr. Smith Goes to Washington*, será apresentado, no decorrer da temporada, o mais tardar no princípio do ano.

AMO UMA M. A. — Será a Mary Astor?—Fizeste muito bem em escrever-me. — Não te posso responder a mais de três preguntas de cada vez. De contrário, haveria respostas que não teriam fim. Sendo assim, amigo, só te posso dar os nomes de três realizadores da longa lista dos filmes a que te referes. De *A Oeste Nada de Novo*, Lewis Milestone; De *Aventuras de Tom Sawyer*, Norman Taurog; de *Aventuras de Marco Polo*, John Cromwell. — Para a próxima vez me dirás de que filmes quererás obter os nomes dos autores.

OSWALDO DE SA. — Muito simpáticos os bons esforços que tens desenvolvido no sentido de angariares para *Animatógrafo* o maior número possível de assinantes e leitores. — Pensaremos na tua sujestão, quanto às moradas de estrêlas, «por atacado». Os retratos da separata não têm margens para se aproveitar o tamanho integral do papel e podermos ampliá-los ao maximo. Na encadernação dos números, poderão remedear o inconveniente que apontas, colocando-lhe uma margem na parte que deverá ficar cosida.

CONDE AXEL DE FERSEN DA SUECIA. — Podes escrever a Laraine Day para Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Heddy Lamarr e Lana Turner devorciaram-se, de facto. Agora, estou cheio de esperança, de que eles queiram recomeçar a experiência matrimonial comigo... Sonia Henie casou-se.

GOSTO DE BEIJOS.— Podes adquirir os números de *Cine-Jornal* que te faltam nos escritórios da casa Bertrand & Irmãos, Trav. da Condessa do Rio, 17 Pede-lhos, num postal, que os mandem à cobrança, que é para ti a fórmula mais prática. — Êste leitor deseja cartear-se com *Maria do Rosário*, *Ninon*, *Donalda* e *Maria Isabel*.

NINETTE. — Seja bem aparecida! E' sempre com alegria que recebo, nesta secção, uma nova leitora. — Estimo que *Animatógrafo* lhe tenha dado completa satisfação. Espero agora que me escreva mais vezes para termos ensejo de conversar, como bons amigos que vamos ser.

SWING-CINÉFILO. — A tua apresentação, acompanhada de tão pormenorizada descrição da tua pessoa, não podia ser mais completa. Cá ficas inscrito, no rol dos meus cuidados... — O cinema exerce de facto, uma poderosa sugestão sôbre a imaginação de cada um. Não me lembro já de quem lhe chamou «a máquina de fabricar o sonho». Compreendo, perfeitamente, que *Hollywood Hotel* te haja convencido de que a vida é um rosário de canções, e que os passos que nela damos são, na realidade, passos... de dança. O cinema é, na verdade, um mundo novo, por vezes o mundo ideal com que sonhamos, e sôbre o qual nos debruçamos, ansiosos e deslumbrados, na ânsia de nos integrarmos e identificarmos com êle, em absoluto.

REY... SEM TRONO. — Não me surpreende que tenhas achado a Joy Hodges superior à Constance Bennett, sob o ponto de vista físico. No cinema, nem sempre as melhores actrizes são as mais dotadas, fisicamente, pela Natureza. — Judy Garland aparecerá nesta temporada, pelo menos em três filmes: *O Feiticeiro de Oz*, *De Braço Dado* e *Prosápias de Andy Hardy*. — Não penses em ver *O Ditador*, na nossa tela. Onde vives tu?! Na Lua?!...

ROMEU NO ALVITEJO. — Tomei a liberdade de resumir o teu pseudónimo, tanto mais que não percebi bem a grafia da palavra que vinha a seguir ao Romeu. — *Pôrto de Abrigo*, ainda que não tenha outro mérito (que não é o caso!), impõe-se à nossa simpatia por ser uma reacção contra o sediço tema do pitoresco rústico e da saloiada, que tão explorado tem sido nos filmes nacionais. — Podes escrever em esperanto à Dorothy Lamour, para Pafamount Studios, Hollywood, Califórnia.

MANEJO'. — Podes escrever ao Jorge Brum do Canto para a Tobis Portuguesa, Alameda das Linhas de Torres, Lumiar, Lisboa.

NINON. — Encantado, com a promessa que me fazes de me escrever tôdas as semanas, uma longa carta. Que idade te dou? Metade da minha e mais cinco anos! — O *Pássaro Azul* era incontestàvelmente um filme curioso. As obras de fantasia, dum modo geral, não nos convencem completamente, quando nelas intervêem figuras de carne e osso. A expressão ideal da fantasia na tela é, inegàvelmente, a da linguagem dos bonecos animados. — A franqueza é, fora de dúvida uma virtude. Mas nem sempre é possível dizer tudo o que pensamos. Estou como a Mãi do Andy Hardy: «se dissesse tudo aquilo que sei, haveria guerra civil em Carvels»... *Mutatis, mutandis*, se a franqueza fôsse o «mot-d'ordre» na sociedade em que vivemos, assistiríamos, sem dúvida, a cenas «de fazer parar o coração» para me servir da frase de certo reclamista dum cinema de Lisboa...— Muito curioso o episódio que me conta, passado na escola com a sua professora. Parabens, Ninon! — Madalena Sotto faz parte doutra companhia que se estreia em breve. Daí a razão de não estar à frente do elenco do *Miudo do Terço*. — Os redactores de *Animatógrafo* agradecem os teus cumprimentos. — Saúdo, em teu nome, *Conde Axel de Fersen da Suécia*, *Luiz XV*, *Donalda*, *Benjamina*, *Mab-Ilia* e *Maria Cotovia*.

SEM AMOR. — Reconheci a tua letra, quando a carta estava ainda na mão do carteiro! Viva, *Sem Amor!* Há quanto tempo não tinha a alegria de ler uma carta tua! — Espero que me escrevas, como dantes. Verdade, verdade, que já estava admirado do teu silêncio. — Impossível responder a cartas que ficaram dos tempos do *Cine-Jornal*. Tomara eu pôr em dia o correio de *Animatógrafo!* Mas não te desconsoles, *Sem Amor*. Se ficaste com alguma dúvida, cá estou agora para esclarecê-la!

UM DESCONHECIDO.—Muito simpática a tua carta. Vejo que todos os leitores compreenderam o que representa lançar uma revista como *Animatógrafo*, nos tempos difíceis que vão correndo! — Breve, começaremos a publicar letras das canções de filmes. As primeiras que aparecerão pertencem ao filme *Idílio Musical*. — Não duvido de que o *Primeiro Amor de Gata Borralheira* seja um filme muito agradável. Por mim, penso que quando ela está presente um filme constitui sempre e forçosamente, um espectáculo de seguro interêsse!

Bel-Tenebroso

SENHA DE VOTO

Gostaria de ver publicados na «Galeria do Animatógrafo» os retratos seguintes:

Actriz: ....

ESTA É QUE É A GLORIA JEAN







"ANIMATÓGRAFO" conta aos seus leitores a HISTÓRIA MARAVILHOSA do novo prodígio da UNIVERSAL (Filmes Alcântara)

Era uma vez uma menina que vivia contente e descuidada, com seus pais, numa cidadezinha mineira da Pennsylvania, em Scranton. Tinha uns lindos cabelos de oiro, uns lindos olhos azues, da côr do céu, e chamava-se Gloria Jean Schoonover — um apelido em que andavam misturados o sangue inglês do pai e o holandez, da mãi.

Os Schoonover eram gente modesta, mas muito bem vista no bairro onde moravam. O pai vendia, por conta duma firma importante, instrumentos musicais. A mãi, como boa dona de casa, tratava do seu lar e cuidava da educação da sua pequenina Gloria.

E, ou fôsse porque o ambiente em que vivia para isso contribuísse, ou por vocação irresistível, a filhinha dos Schoonover, aos quinze mêses — ela viera a êste mundo a 14 de Abril de 1938, em Buffalo — deslumbrava todos os que a ouviam, pois cantava com uma graça, uma intenção e um timbre de voz invulgares para a sua idade, a canção «Little Annie Rooney».

Uma tão grande precocidade levou os pais a cuidarem carinhosamente da sua educação musical.

Uma bela noite, numa festa do colégio, apareceu no palco imenso do teatro, uma figurinha minúscula. Cantou uma vez; cantou duas vezes, e quando terminou a sua parte, uma ovação estrondosa, interminável, ecoou por todo o teatro. Nascera uma «prima-dona» de cinco anos!

Um ano depois, Paul Whiteman, o famoso e rotundo chefe de orquestra, passou por Scranton, e ouviu a pequena Gloria. E tão maravilhado ficou, que propôs aos pais um contracto vantajoso. Mas êles opuseram-se. Era muito nova ainda. Depois, os seus estudos não podiam ficar interrompidos. E para que êles tivessem o desenvolvimento indispensável Gloria foi com a mãi para Nova York. De novo uma óptima proposta a esperava — a da Companhia da Ópera Colonial. Mais uma vez resistiu.

Mas o que Paul Witheman não conseguiu, nem tão pouco os dirigentes da Ópera Colonial, conseguiu-o o cinema — ou antes o produtor Joe Pasternak, da Universal. De Hollywood para a celebridade um único filme bastou — «The Underpup», que os Filmes Alcântara apresentarão com o título de «Traguina Querida». O êxito que alcançou em tôda a América foi mais que um triunfo: uma verdadeira consagração! Em Portugal estamos certos de que outro tanto vai suceder a Gloria Jean!

JAIME DE CASTRO

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



BARRETO POEIRA é o actor do cinema português mais apto a interpretar papéis estranhos. O seu Tenente Dolle em «Pôrto de Abrigo», da Lisboa Filme, vai demonstrá-lo em absoluto.

ÊSTE NÚMERO CONTÉM 2 RETRATOS-BRINDE: JUDY GARLAND E MICKEY ROONEY